

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

RAUL OLIVEIRA JUNG

NOTAÇÕES PSICANALÍTICAS EM TORNO DA PULSÃO INVOCANTE: ARRANJOS,
COMPOSIÇÕES E REPETIÇÕES DE UMA VOZ MÁQUINA

Porto Alegre

2021

RAUL OLIVEIRA JUNG

NOTAÇÕES PSICANALÍTICAS EM TORNO DA PULSÃO INVOCANTE: ARRANJOS,
COMPOSIÇÕES E REPETIÇÕES DE UMA VOZ MÁQUINA

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise:
Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Milena da Rosa Silva

Linha de Pesquisa:

Psicanálise, Teoria e Dispositivos Clínicos

Porto Alegre

2021

Nome: Raul Oliveira Jung

Título: Notações psicanalíticas em torno da pulsão invocante: arranjos, composições e repetições de uma voz máquina.

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise:
Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Andrea Gabriela Ferrari
Instituição: UFRGS

Assinatura: _____

Profa. Dra. Ana Paula Melchiors Stahlschmidt
Instituição: UEP/ Paraguai

Assinatura: _____

Profa. Dra. Inês Catão Henriques Ferreira
Instituição: ESCS/ DF

Assinatura: _____

Agradecimentos

Um percurso em meio a uma pandemia. Um fracasso inflado pela maquinaria e pela aceleração do tempo. Em meio a tantas perdas, fui ouvido por Lenine em sua composição que suscita tantas associações. Assim, meu agradecimento é pela vida, tão rara. Pela vida dos que se foram, tão rara, e pelo tempo que nos falta e que nos resta. E a vida, que não pára, e o tempo, que nos falta. Assim, meu agradecimento é pela paciência, às vezes fingida, para fingir que isso tudo é normal. Pelo corpo, que pede um pouco mais de alma. E nesse tempo acelerado, nesse mundo que gira cada vez mais veloz, agradeço por poder ter paciência, por me recusar, por fazer hora e ir à valsa. Será que temos esse tempo a perder? A vida é tão rara, tão rara.

Paciência - Lenine

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não para

Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara

Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge

Que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência

O mundo vai girando
Cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência

Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara

O Mundo é Assim - Velha Guarda da Portela

O dia se renova todo dia
Eu envelheço cada dia e cada mês
O mundo passa por mim todos os dias
Enquanto eu passo pelo mundo uma vez

A natureza é perfeita
Não há quem possa contestar
A noite é o dia que dorme
O dia é a noite ao despertar

Resumo

A dissertação teve como objetivo a reflexão acerca da presença de dispositivos eletrônicos nas relações primordiais de cuidado entre o *infans* e seu próximo. Por meio do método notar(a)notar, proposto como um ritmo de pesquisa que alterna momentos de percepção e escrita, foram produzidas variações psicanalíticas sobre o atravessamento maquínico a partir das posições teóricas sobre a pulsão invocante e sobre a voz e a musicalidade enquanto elementos estruturantes do aparelho psíquico. O ritmo proposto pelo método se apresenta na alternância entre capítulos e letras de canções, bem como no formato de apresentação composto por três artigos, sendo que o primeiro apresenta material empírico, enquanto os outros dois são artigos de trabalhos teóricos.

O percurso da pesquisa inicia com um projeto de extensão com a prática do acalanto com crianças e adolescentes em acolhimento institucional. Esse movimento inicial teve como base a percepção de que a voz e os elementos da musicalidade são estruturantes para a constituição psíquica. Os processos de preparação para o dormir e o acalanto são elementos que representam a pertinência da temática para a estruturação do *infans*. Em sua execução, identificou-se que a prática operou enquanto dispositivo psicanalítico ampliado (Elia, 2007). A partir desse ponto, que é apresentado enquanto primeiro artigo dessa dissertação, o percurso seguiu atravessado por percepções advindas da prática profissional em espaços de educação e de acolhimento institucional.

A segunda parte da dissertação é apresentada em um artigo que discute a importância do próximo, *nebenmensch* (Freud, 1895/1996), e da função improvisante nas relações primordiais de estruturação do sujeito psíquico a partir da voz. Em contraponto, foi discutida a massificação dos dispositivos eletrônicos e sua presença nas cenas de cuidado, e apresentadas hipóteses a respeito das posições e funções que esses dispositivos falantes podem assumir. A máquina, enquanto anteparo entre o *infans* e seu próximo, propõe elementos de repetição e automação, podendo implicar o sujeito do desejo em convocações de um Outro não faltoso. Dessas associações, propõe-se a imagem do autofalante, enquanto sujeito da repetição.

O terceiro movimento dessa dissertação se apresenta enquanto esquema ilustrativo do atravessamento maquínico. Partindo do esquema R (Lacan, 1966) são apresentadas possíveis posições da máquina e ilustradas em variações do esquema. Desse exercício, resta proposto um Outro maquínico, com contornos produzidos pela lógica da máquina. As variações desse atravessamento são propostas enquanto a produção de um *ecosseser* em detrimento do *falasser* e a posição maquínica enquanto resultado desse anteparo.

Dessa forma, a pesquisa reforça a importância do próximo enquanto emulador das convocações maquínicas oferecidas. A partir da função improvisante, o outro recoloca a pulsão invocante em seu circuito-trajeto. Em uma série de variações e posições, propõe-se a reflexão da presença do anteparo maquínico nas relações primordiais de constituição do *infans*.

Palavras-chave: Pulsão invocante, voz, função improvisante.

Abstract

The dissertation aimed at reflecting on the presence of electronic devices in the primordial relationships of care between *infans* and their next. Through the method *notar(a)notar*, proposed as a research rhythm that alternates moments of perception and writing, psychoanalytic variations on the machinic crossing were produced from theoretical positions on the invocative drive and on voice and musicality as structuring elements of the psychic apparatus. The rhythm proposed by the method is presented in the alternation between chapters and song lyrics, as well as in the presentation format composed of three articles, the first one presenting empirical material, while the other two are articles of theoretical works.

The research began with an extension project with the practice of chanting with children and adolescents in institutional shelter. This initial movement was based on the perception that the voice and the elements of musicality are structural to the psychic constitution. The processes of preparing for bed and the lullabies are elements that represent the relevance of the theme for the structuring of *infans*. In its execution, it was identified that the practice operated as an amplified psychoanalytic device (Elia, 2007). From this point, which is presented as the first article of this dissertation, the path followed through perceptions arising from professional practice in spaces of education and institutional shelter.

The second part of the dissertation is presented in an article that discusses the importance of the next, *Nebenmensch* (Freud, 1895/1996) and the improvising function in the primordial relations of structuring of the psychic subject from the voice. In counterpoint, the massification of electronic devices and their presence in the care scenes was discussed, and hypotheses were presented regarding the positions and functions that these speaking devices can assume. The machine, as a screen between *infans* and their next, proposes elements of repetition and automation, and may implicate the subject of desire in convocations of a non-faulty Other. From these associations, the image of the *autospeaker* is proposed, as the subject of repetition.

The third movement of this dissertation is presented as an illustrative scheme of the machinery crossing. Starting from scheme R (Lacan, 1966), possible positions of the machine are presented and illustrated in variations of the scheme. From this exercise, an Other in machinical composition is proposed, with outlines produced by the logic of the machine. The variations of this crossing are proposed as the production of an *ecosser* in detriment of the *falasser*, and the machinic position as a result of this shield.

In this way, the research reinforces the importance of the neighbor as emulator of the machinic convocations offered. From the improvising function, the other puts back the invocatory drive in its circuit-traject. In a series of variations and positions, it is proposed the reflection of the presence of the machinic bulkhead in the primordial relations of *infans* constitution.

Key words: invocative drive, voice, improvising function.

Sumário

Prelúdio	13
Primeiros compassos	17
Objetivo	20
O Notar(a)notar Psicanalítico	22
Artigo 1: O Acalanto como dispositivo psicanalítico ampliado em espaços de acolhimento institucional para crianças e adolescentes.....	28
Artigo 2: Do bem ouvido ao improvisado: a voz máquina e a posição do próximo na constituição do <i>infans</i>	44
Artigo 3: Prove que você não é um robô: notações psicanalíticas sobre a pulsão invocante e a voz máquina.....	64
Encore	83
Referências	86

Índice de canções¹

Velha Guarda da Portela, (1999). O Mundo é Assim. In: *Tudo Azul* [CD]. EMI Music Brasil LTDA.

Lenine, (1999). Paciência. In: *Na Pressão* [CD]. Ariola.

Drexler, J. (2004). Guitarra y Voz. In: *Eco* [CD]. DRO-EastWest Spain.

Veloso, C (1975). Canto de um povo de um lugar. In: *Jóia* [CD]. Universal Music LTDA.

Ramil, V. (1980). Estrela, Estrela. In: *Estrela, Estrela* [CD]. Satolep Music.

Gil, G. (2008). Máquina de Ritmo. In: *Banda Larga Cordel* [CD]. WM Brasil.

Alafia, (2015). Banho de Poeira. In: *Corpura* [CD]. YW Music.

Ramil, T. (2018). O Corpo Vai Acabar. In: *Enfrente* [CD]. Escápula Records.

Ramil, I. (2015). A Voz da Indústria. In: *Derivacivilização* [CD]. Escápula Records.

Alcione, (1975). Não Deixe o Samba Morrer. In: *A Voz do Samba* [CD]. Universal Music LTDA.

Moraes, V. De, Toquinho, (1975). Tristeza. In: *O Poeta e o Violão* [CD]. Som Livre.

Nomade Orquestra, (2019). *Vox Populi, Vol.1* [CD]. Terra Fertil Music [Dist. Tratore]

Nomade Orquestra, (2019). *Vox Machina, Vol.1* [CD]. Nomade Orquestra [Dist. Tratore]

Para ouvir as canções:



https://open.spotify.com/playlist/7D7DQTNufMyaDtYEHjkHnV?dl_branch=1&si=MrhZyDgvQxumd4RJJu5aC

¹ Na ordem em que aparecem e na ordem da *playlist* criada no aplicativo *Spotify*. Convidamos ao leitor a escutar as canções ao longo da leitura do texto. Ao final. Também foram indicados os dois álbuns que são citados ao longo da dissertação

Guitarra Y Vos - Jorge Drexler

Que viva la ciencia
Que viva la poesía!
Que viva sienta mi lengua
Cuando tu lengua está sobre la lengua mía!
El agua esta en el barro
El barro en el ladrillo
El ladrillo está en la pared
Y en la pared tu fotografía

Es cierto que no hay arte sin emoción
Y que no hay precisión sin artesanía
Como tampoco hay guitarras sin tecnología
Tecnología del nylon para las primas
Tecnología del metal para el clavijero
La prensa, la gubia y el barniz
Las herramientas de un carpintero

El cantautor y su computadora
El pastor y su afeitadora
El despertador que ya está anunciando la
aurora
Y en el telescopio se demora la última
estrella
La maquina la hace el hombre
Y es lo que el hombre hace con ella

El arado, la rueda, el molino
La mesa en que apoyo el vaso de vino
Las curvas de la montaña rusa
La semicorchea y hasta la semifusa
El té, los ordenadores y los espejos
Los lentes para ver de cerca y de lejos
La cucha del perro, la mantequilla
La yerba, el mate y la bombilla

Estás conmigo
Estamos cantando a la sombra de nuestra
parra
Una canción que dice que uno sólo
conserva lo que no amarra
Y sin tenerte, te tengo a vos y tengo a mi
guitarra

Hay tantas cosas
Yo sólo preciso dos
Mi guitarra y vos
Mi guitarra y vos

Hay cines
Hay trenes
Hay cacerolas
Hay fórmulas hasta para describir la espiral
de una caracola
Hay más: Hay tráfico
Créditos
Cláusulas
Salas vip
Hay cápsulas hipnóticas y tomografías
computarizadas
Hay condiciones para la constitución de una
sociedad limitada
Hay biberones y hay obúses
Hay tabúes
Hay besos
Hay hambre y hay sobrepeso
Hay curas de sueño y tisanas
Hay drogas de diseño y perros adictos a las
drogas en las aduanas

Hay manos capaces de fabricar
herramientas
Con las que se hacen máquinas para hacer
ordenadores
Que a su vez diseñan máquinas que hacen
herramientas
Para que las use la mano

Hay escritas infinitas palabras
Zen, gol, bang, rap, Dios, fin

Hay tantas cosas
Yo sólo preciso dos
Mi guitarra y vos
Mi guitarra y vos

Prelúdio

O mundo da música me atrai. As canções sempre estiveram presentes na minha vida. Posteriormente, as partituras passaram a compor essa experiência, como uma tentativa de grafar o som. Ao mesmo tempo que possibilita o compartilhamento, é perceptível a particularidade com que cada músico lê e interpreta os sinais da partitura. A escrita musical se aproxima do poema, pois a sua grafia não contempla a totalidade da experiência de sua leitura sonora. A experiência musical ocorre pela escuta, característica tão cara à psicologia e à psicanálise. Dessa forma, desde já antecipo a incompletude que esse escrito representa na transmissão. Não é algo que sobra, mas algo que escapa.

Ainda no início do curso de psicologia fui convidado a participar de um projeto de extensão chamado “A HORA DE DORMIR: o acalanto com crianças em acolhimento institucional” em uma casa de acolhimento de crianças e adolescentes. A temática musical foi o acalanto e o laço com a constituição psíquica do sujeito. O projeto no abrigo acompanhou grande parte da minha formação em psicologia, bem como o estudo da música. A infância passou a ser, também, uma constante em minha atuação.

O percurso da graduação foi construído no eco-trajeto entre o Instituto de Psicologia da UFRGS e a casa de acolhimento. O abrigo foi o local onde o projeto “A HORA DE DORMIR: o acalanto com crianças em acolhimento institucional” foi concebido e executado. O projeto foi coordenado pela Profa. Dra. Andrea Ferrari, e vinculado ao Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da UFRGS. Ao longo de dois anos foi realizada a prática do acalanto com as crianças em acolhimento, ora no turno da noite, ora no turno vespertino. O local também foi meu campo de estágio por três anos.

Após a graduação, assumi o cargo de psicólogo na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Garopaba-SC, onde continuei atuando com a infância. Em Garopaba, existem projetos de musicalização e contação de histórias para a educação infantil, que possibilitaram manter meu contato com elementos abordados ao longo da minha formação.

Atuar com toda a rede educacional, mesmo que de um município pequeno, possibilita um olhar abrangente em relação à infância e à constituição psíquica do sujeito. Durante esse processo houve a massificação do uso de dispositivos eletrônicos e da internet móvel de alta velocidade, e surgem como indagações quais seriam as implicações desses acontecimentos no desenvolvimento infantil, bem como nas formas de cuidado exercidas pelos adultos.

Dessa forma, passei a refletir sobre o uso indiscriminado da tecnologia na infância, bem como o mesmo processo para os adultos. Concomitante a isso, acompanhei processos de

patologização e medicalização da infância a partir de hipóteses diagnósticas de autismo e hiperatividade. O que eu via eram crianças que tiveram sua constituição psíquica atravessada por novos padrões de relacionamento social e cuidado.

O percurso do mestrado ocorre com o intuito de aprofundar os estudos a partir das experiências de pesquisa e profissionais vivenciadas. Passei, então, a articular leituras com a nova perspectiva de uma voz maquínica como elemento presente na constituição psíquica do sujeito. A pandemia de COVID-19 surge em meio ao trajeto de pesquisa, fato que também influencia significativamente na pesquisa. Ao mesmo tempo que restou perceptível a influência dessas tecnologias nas formas de relacionamento em uma situação em que o contato físico é impossibilitado, o percurso da pesquisa também precisou ser ajustado para processos mais teóricos e reflexivos.

Nesse contexto, conceitos como pulsão invocante, ponto surdo, nota azul, estádio do eco e outras posições teóricas que consideram a voz como elemento estruturante na constituição do sujeito passaram a interrogar como seriam as condições e possibilidades de notar variações psicanalíticas a partir do atravessamento de uma voz máquina advinda de um dispositivo eletrônico conectado.

O retorno a Porto Alegre acontece pelo retorno à casa de acolhimento que recebeu o projeto. Atuando como psicólogo do espaço, pude manter interlocução entre a infância e processos constitutivos, bem como a articulação com a academia. Nesse entre, a música segue como uma prática, por meio de coletivos de música de rua e experiências sonoras.

O objetivo do escrito, para além do objetivo da pesquisa, é que o leitor possa se escutar em sua relação com a música e com os dispositivos eletrônicos. Co-memorar suas raízes sonoras e associar seu estar no laço social proposto são convites a quem acompanha escuta essa produção.

A estrutura da dissertação é composta por três artigos, que compõem o percurso prático, teórico e metodológico da pesquisa. A partir do método, o texto parte da experiência preliminar com a prática do acalanto com crianças e adolescentes em acolhimento institucional. A seguir, o segundo artigo atenta para a importância do próximo no processo de invocação do *infans*, bem como a função improvisante enquanto estruturante no processo de constituição do sujeito. A proposição da voz máquina e suas posições enquanto elemento presente nas cenas de cuidado e estruturação psíquica compõem a discussão com o objetivo de avançar nas reflexões sobre o tema. Por fim, o artigo 3 propõe, a partir do esquema R, um ensaio sobre a presença da voz máquina nas relações primordiais de cuidados, refletindo sobre as possíveis variações estruturais desse atravessamento. As considerações finais apontam para a percepção de que os

dispositivos eletrônicos se presentificam e compõem o laço social, produzindo possíveis variações nas proposições psicanalíticas apresentadas.

Canto do povo de um lugar - Caetano Veloso

Todo dia o Sol levanta
E a gente canta
Ao Sol de todo dia
Fim da tarde a terra cora
E a gente chora
Porque finda a tarde
Quando a noite a Lua mansa
E a gente dança
Venerando a noite
Todo dia o Sol levanta
E a gente canta
Ao Sol de todo dia
Fim da tarde a terra cora
E a gente chora
Porque finda a tarde
Quando a noite a Lua mansa
E a gente dança
Venerando a noite

Primeiros compassos

“Será que a voz maquinal, vale dizer, aparelhada e separada do corpo, tem as mesmas propriedades relacionais que a voz proferida in vivo?” (Vivès, 2018, p. 43).

O termo voz máquina surge de uma referência musical, que são os álbuns concomitantes da banda Nômade Orquestra, chamados “Vox Populi Vol.1” e “Vox Machina Vol.2”². A voz máquina, então, seria esta produzida por um trajeto microfone-fone, sendo captada, transmitida e emitida a partir de um dispositivo eletrônico. Buscando uma delimitação para essa forma de comunicação, seria voz máquina o estímulo *online*, por dentro do fio. Ou seja, formas de interação aparelhadas, que sejam transmitidas através dispositivos eletrônicos conectados à internet. A captação da voz por meio de um microfone, sua reprodução por meio de inteligência artificial e a associação ou não com captação de imagem, são formas de produção do que se chamaria voz máquina ou, ao menos, com atravessamentos ou anteparos maquínicos.

A utilização do neologismo *autofalante* tem como objetivo apontar a influência da voz emitida pelo dispositivo. A partir do alto falante, que tem, em sua etimologia a ideia de amplificação do som, o *autofalante* traz a perspectiva de uma voz em reprodução-repetição. Dessa forma, o *autofalante*, vindo das peculiaridades dos dispositivos conectados, deixa de ser um amplificador de som, passando a oferecer outra relação com o ouvinte.

A inserção acelerada de dispositivos, assim como a ampliação do acesso à internet móvel de alta velocidade, transformou os meios de comunicação em massa, impondo outras formas de relacionamento interpessoal. Assim, a pesquisa tem como recorte a compreensão e reflexão sobre os atravessamentos que esta passagem boca-microfone-fio-alto falante-ouvido pode produzir na voz e em suas propriedades relacionais.

A “Vox Populi” teria como protótipo a nota azul. Para Didier-Weill (1997), a ‘nota azul’ seria o encontro da singularidade do sujeito, o encontro com a diferença de forma *extima* (Lacan, 1968-69/2008), uma nota que singulariza o sujeito, ao mesmo tempo que o harmoniza na relação com o Outro. Nessa perspectiva, o laço social pode ser formulado como um concerto de vozes, composto de arranjos formados por notas/vozes que se harmonizam (não sem tensões) e, nas quais, o sujeito busca sua nota azul para compor e, ao mesmo tempo, singularizar.

A influência da voz máquina proporia o laço social como desarmônico (pois só aceitaria uma determinada escala preestabelecida), e convocaria o sujeito a enunciar ecolalicamente a escala proposta. Essa relação propõe a supressão da diferença, vista, aqui, como subjetividade.

² Disponível em: <https://nomadeorquestra.com.br/>

A voz que vem do autofalante permitiria a experiência da nota azul? Ou aceitaria apenas as notas da escala musical que está emitindo? Haveria abertura de espaço para outras notas? A enunciação que não tem como alvo um ouvido, mas um microfone, teria comprimida a dimensão Real da voz. O sujeito passaria a emitir as mesmas notas, e ouvir as mesmas notas, se tornando intolerante a outras escalas musicais, outros arranjos de notas.

Diferente da perspectiva de Didier-Weill e Vivès, em que o sujeito é escutado pela música (do Outro), na voz máquina o sujeito seria continuidade com a voz identificada. O sujeito seria convocado a ser sujeito da repetição/continuidade, descaracterizando-se de sua posição suposto falante/suposto ouvinte, visto que não se escuta como eco do Outro, e repete, sem sua voz.

Mas, o princípio da pulsão invocante é de que o sujeito não se esqueceu de que se tornou surdo à voz do Outro. Assim, os efeitos da música, como as propriedades do som, poderiam contornar-atravesar o anteparo maquínico e fazer emergir a Vox Populi que convoca o sujeito em sua falta? Sem objetivos deterministas ou generalizantes, o projeto propõe um rearranjo de vozes no qual se inclua a voz máquina e, a partir de suas repetições e continuidades, notar silêncios/furos que permitam advir o sujeito.

Estrela, estrela- Vitor Ramil

Estrela, estrela
Como ser assim
Tão só, tão só
E nunca sofrer

Brilhar, brilhar
Quase sem querer
Deixar, deixar
Ser o que se é

No corpo nu
Da constelação
Estás, estás
Sobre uma das mãos

E vais e vens
Como um lampião
Ao vento frio
De um lugar qualquer

É bom saber
Que és parte de mim
Assim como és
Parte das manhãs

Melhor, melhor
É poder gozar
Da paz, da paz
Que trazes aqui

Eu canto, eu canto
Por poder te ver
No céu, no céu
Como um balão

Eu canto e sei
Que também me vês
Aqui, aqui
Com essa canção.

Objetivo

A partir da percepção do atravessamento maquínico nas relações de cuidados entre o *infans* e seu próximo, *Nebenmensch* (Freud, 1895/1996), objetiva-se um percurso teórico acerca da voz e da pulsão invocante, para, a seguir, avançar na perspectiva da voz máquina enquanto elemento a ser considerado na constituição psíquica do sujeito. O recorte da voz e da pulsão invocante são centrais no percurso. Da voz máquina, enquanto transmissão-relação online, procuramos ecoar as posições teóricas desse anteparo em seu trajeto invocante. Do acalanto como processo de preparação para o dormir, a pesquisa segue para a escuta do anteparo máquina e suas posições-funções em seu atravessamento entre o próximo e o *infans*.

Máquina de Ritmo - Gilberto Gil

Máquina de Ritmo
Tão prática, tão fácil de ligar
Nada além de um bom botão
Sob a leve pressão do polegar
Poderei legar um dicionário
De compassos pra você
No futuro você vai tocar
Meu samba duro sem querer

Máquina de Ritmo
Quem dança nessa dança digital
Será por exemplo
Que o meu surdo ficará mudo afinal
Pendurado como um dinossauro
No museu do Carnaval
Se você aposta que a resposta é sim,
Por Deus mande um sinal

Máquina de Ritmo
Programação de sons sequenciais
Mais de 100 milhões de bambas
De escolas de samba virtuais
Virtuais, virtuosas vertentes
De variações sem fim
Daí por diante sambe avante
Já sem precisar de mim

Máquina de Ritmo
Quem sabe um bom pó de pirlimpimpim
Possa deletar a dor de quem
Deixou de lado o tamborim

Apesar do seu computador
Ter samba bom, samba ruim
Se aperto o botão, meu coração
Há de dizer que é samba sim

Máquina de Ritmo
Processo de algoritmos padrões
Múltiplos binários e ternários,
quaternários sem paixões
Colcheias, semi-colcheias,
Fusas, semi-fusas, sensações
Nos salões das noites cariocas
Novas tecno-ilusões

Máquina de Ritmo
Que os pós-eternos não de silenciar
Novos anjos do inferno vão
Por qualquer coisa em seu lugar
Quem sabe irão lhe trocar por um
Tal surdo mudo do museu
E Bandos da lua virão se encontrar
Numa praia toda lua cheia prá lembrar você
e eu

Moreno, Domenico, Cassim
Assim meus filhos, filhos seus
E Bandos da lua virão se encontrar
Numa praia toda lua cheia prá lembrar
Só prá lembrar,
Só pra cantar,
Só prá tocar,
Só pra lembrar
Você e eu.

O Notar(a)notar Psicanalítico

Como compreender o sentido do ato artístico senão como a tentativa feita pelo homem de lutar contra essa ameaça, substituindo ao homem, ameaçado de anonimato pelo saber absoluto, a parte de incógnito que é seu bem mais íntimo? Onde o homem, observado de todos os lados, fica transparente, eis que o pintor recorda-lhe que ele continua habitado pelo invisível; onde o homem é ouvido de todos os lados por todas as mídias, pelas estatísticas, pelas pesquisas de opinião, a música vem lembrar-lhe que, ao contrário e contra tudo, o inaudito conserva suas exigências; onde os movimentos do homem são calibrados, por todos os lados, pelas marchas militares e, hoje em dia, sobretudo pela maneira de movimentar-se dos novos ídolos que são os *stars*, o dançarino é aquele que relembra ao homem o fato de que nele permanece um movimento original cujo caráter absolutamente inimitável ele tende a esquecer, dada a pregnância das imagens que sugerem a imitação massificada. (Didier-Weill, 1997, pp. 34-35)

A pesquisa psicanalítica ou pesquisa em psicanálise opera a partir de premissas presentes na prática e na escuta clínica, ao mesmo tempo em que se implica em atender critérios científicos de produção de conhecimento. Existem peculiaridades importantes no estabelecimento do objeto de estudo e, conseqüentemente, na metodologia adotada para a pesquisa. Em relação aos atravessamentos propostos pela psicanálise na pesquisa, Simoni & Moschen (2008, p.104) apontam que “O trabalho do pesquisador põe em cena impasses inerentes ao encontro com a alteridade, na medida em que se trata da emergência de um vivido que pede lugar no terreno da linguagem”.

Para Rosa e Domingues (2010), o objeto da pesquisa não é dado *a priori*, sendo produzido durante e por meio da investigação. Para as autoras, o processo de pesquisa ocorre em uma trama entre a teoria, a prática e os pares. Assim, não há univocidade de conceitos, ao passo que produzem sentido a partir de sua articulação. As autoras, ainda, reforçam a dimensão da criação ao longo do processo de pesquisa, como o movimento original proposto por Didier-Weill (1997) e como ato analítico.

Se, por um lado, é possível - e a história da psicanálise nos mostra isso - construir uma teoria capaz de aportar operadores que possam guiar o analista no terreno árido da experiência clínica, ou seja, se é possível construir generalizações teóricas; por outro, essas generalizações quando adentram o terreno da intervenção propriamente dita, necessitam sofrer um processo de suspensão para serem reinventadas, tendo em conta a transferência singular que se atualiza na situação clínica em questão. (Simoni & Moschen, 2008, p. 99).

Para Caon (1994), o campo, o método e o objeto são singulares para a pesquisa psicanalítica. Para o autor, o campo é o inconsciente; o objeto é a perspectiva ou enfoque a partir da posição em que se coloca o pesquisador psicanalítico e o método é o conjunto de procedimentos pelos quais o pesquisador se desloca pelas vias de acesso ao inconsciente. Contudo, Simoni & Moschen (2008) apontam que a produção de sentido não ocorre livremente. Assim, não se trata da significação qualquer das palavras do sujeito. Por outro lado, a

construção acontece pela transferência, condicionada pelo entrelaçamento dos sujeitos, sendo um deles o percurso teórico.

Assim, apoiado em Simoni & Moschen (2008, p.99), o método comparece como efeito do movimento em que o pesquisador recorta o objeto a ser pesquisado. Esse gesto produzido pelo pesquisador ao inclinar-se sobre o objeto produz também o caminho a ser trilhado ao longo da pesquisa, “o método em constante alinhavo”.

Considerando as posições em relação às peculiaridades da pesquisa em psicanálise, identificam-se possibilidades de articulação entre o trajeto metodológico da pesquisa e os tempos lógicos do circuito pulsional. Outra associação metodológica diz do ritmo de pesquisa, em suas (a)notações, no trajeto campo-teoria, aproximações-distanciamentos.

O projeto “A HORA DE DORMIR” poderia ser considerado como um segundo movimento lógico, associado à sua escrita, em um anotar. Esse movimento só é possível a partir de um primeiro movimento lógico, um notar, que, por sua vez, só é identificado em um só depois. Vivès (2008) coloca que é o sujeito que é ouvido pela música, e que esta responde ao seu apelo – *que queres?* Assim, o primeiro tempo lógico da pesquisa, ser ouvido, ocorre pelo anterior contato com a música e com os instrumentos musicais. Esses elementos se engendram com a psicologia e com a psicanálise a partir de um elemento terceiro, um momento em uma prática de estágio permeada pela música³. Os tempos da pulsão invocante acontecem de forma sincrônica, atualizando-se a partir de convocações. A retomada da pesquisa e o ingresso no mestrado acontecem cronologicamente, com objetivo de retomar e avançar as questões da pesquisa, mas sem um episódio invocante.

Após o ingresso no curso e ao longo de uma disciplina eletiva, ocorre outra situação que retroalimenta o circuito invocante e promove um novo giro lógico na pesquisa. Ao escrever o ensaio de conclusão da disciplina fui convocado por uma produção musical de uma banda instrumental⁴ que havia lançado um álbum com voz⁵. Lançado sincronicamente com outro álbum⁶, este totalmente instrumental, fez com que a díade *Vox Populi-Vox Machina* pusesse em questão as produções sobre a constituição do sujeito psíquico a partir da voz.

Essa convocação por meio da música em um momento de produção teórica no campo da psicanálise faz o terceiro movimento lógico do circuito, fazer-se ouvir, em que minha

³ Um dos disparadores do projeto A HORA DE DORMIR foi uma intervenção de estágio com um bebê acolhido que chorava muito. Após diversas tentativas de tranquilizá-lo, foi colocado no colo e, com a prática do acalanto, se acalmou e adormeceu. Esse momento fez com que surgisse a questão de pesquisa: a prática do acalanto em espaços de acolhimento institucional pode contribuir na elaboração da separação real e simbólica?

⁴ Nômade Orquestra

⁵ Vox Populi Vol.1 (2019)

⁶ Vox Machina Vol.1 (2019)

questão é ouvida pela música e pela psicanálise em ato. Assim, a produção de uma nova metáfora que busca dar sentido a uma questão e a uma relação transferencial com o objeto abre sentidos e aponta para uma nova direção. Didier-Weill (1997) aponta para os efeitos da pulsão invocante por meio da nota azul, que surge a partir de um ponto azul. Para o autor, esse por vir, potencial, põe o sujeito em movimento, dando sentido e direção ao desejo. Assim, fui escutado pelo significante voz máquina, que recolocou em movimento o circuito invocante em que busco, ao longo do trajeto, enlaçar as convocações da teoria psicanalítica e as invocações da música.

Dessa forma, entendo que o método de pesquisa, tão particular quanto construções em análise (Freud, 1937/1996), se constrói a partir de um ritmo, o notar(a)notar. Nessa posição de pesquisa, o método busca reunir significantes-notas percebidas junto de leituras-escritos para que seja criado um campo harmônico para a construção de um improviso. A anotação, como a transcrição de um solo musical para a partitura é o objetivo a ser alcançado.

Esse anotar poderia ser percebido como um a notar, no sentido de se colocar ativamente a escrever algo percebido, notado, ao mesmo tempo que pode ser visto como um a(notar) ou um -(notar) passivo, em que o prefixo “a” como negação, como algo que escapa. Esse tempo foi o encontro com as referências teóricas que foram contornando as notações do tempo anterior. Esses processos comporiam o ritmo do pesquisar aqui proposto.

Assim como o inconsciente se apresenta a partir do ritmo de deslizamento entre os significantes, entendo que é entre o notar e o anotar que se pode estabelecer um improviso. Considerando que, no circuito pulsional invocante, os tempos se dão de forma sincrônica, um notar(a)notar, processos sincrônicos como o primeiro e segundo tempos do circuito invocante. A partir da perspectiva da surdez estrutural, proposta por Vivès (2009), o anotar ensurdeceria o notar. Ao tentar grafar a percepção do som, haveria a perda de sua dimensão invocante. Contudo, o lembrar-se que se tornou surdo, a partir de convocações, realimenta o circuito invocante. Assim, entre o notar e o anotar, a pesquisa pretende, produzir uma posição de escuta-escrita em que seja possível notar e anotar atravessamentos da voz máquina nas posições teóricas percorridas ao longo da pesquisa.

O método, então, se apresentaria como um processo de composição musical. O ritmo do notar(a)notar se apresenta como dimensão temporal. Em seguida se inserem conjuntos de notas, os acordes. A revisão bibliográfica e a escolha dos referenciais teóricos estabelece acordes que soam como conjuntos de (a)notas afinadas com a teoria psicanalítica e em uma sequência que se faz coerente, afinada, com a academia. Esse campo harmônico forma uma base para que sejam identificadas escalas e notas que soam afinadas e harmônicas, para que

seja possível o estabelecimento de uma melodia. A linha melódica vai se relacionar com o ritmo e com o campo harmônico. As anotações, como a escrita de uma melodia na partitura, iniciam bastante próximas às notas que compõem os acordes. Aos poucos vão se inserindo tensões, dissonâncias, notas azuis, que, de forma *extima*, singularizam a composição. Por fim, proponho como método não só o estabelecimento de um ritmo, de um campo harmônico e de uma linha melódica, mas também compassos de silêncio. Inicialmente, como esperança de que o som retornará, também proponho esse intervalo como invocação. Assim como se reservam compassos na partitura para a realização de um solo, em que o músico poderá escolher a forma de improvisar, a construção da pesquisa propõe o momento da produção de um movimento original (Didier-Weill, 1997). Assim, a partir dessa função improvisante, busco produzir compassos de silêncio em que novas notas possam ser escritas, transformando improvisado em melodia

O notar produzido pela prática do acalanto com crianças em acolhimento e seu posterior anotar foram um primeiro movimento de pesquisa. A retomada das anotações realizadas ao longo do projeto “A HORA DE DORMIR: o acalanto com crianças em acolhimento institucional” apresenta-se como um primeiro movimento. Essa primeira aproximação entre a música a psicanálise e a academia foi fundamental como base para a continuidade da produção acadêmica dessa intersecção.

Os primeiros compassos do percurso de mestrado foram permeados por alguns instantes de silêncio. Inicialmente como um silêncio de esperança, de que há algo a advir, esse processo permitiu o notar do que havia como questão para o avanço das reflexões. Essas percepções-escutas foram permeadas pelas práticas profissionais nos campos da educação e da assistência social, que indicaram o atravessamento das máquinas falantes nos contextos da infância.

A seguir, inicia-se um tempo de retomada e avanço do percurso teórico. Esse processo de escuta-escrita - notar(a)notar - permite estruturar e relançar a revisão bibliográfica sobre o tema e identificar novas composições acadêmicas que possam ecoar nas questões deste trabalho. Ao final desse processo, surge um novo compasso de silêncio, mas com caráter de invocação para que sejam enunciadas novas notas sobre a temática.

Durante esse procedimento, ocorre o atravessamento dos significantes ‘vox populi’ e ‘vox máquina’, advindos de produções musicais. Esses significantes ecoam em todo o percurso, significando e, ao mesmo tempo, convocando seu entrelaçamento com a teoria psicanalítica. Não só estas produções, assim como muitas outras que percorrem esse escrito, ressoam e co-memoram esse circuito produzido pela psicanálise e pela música.

Por fim, com a identificação de que os *falasseres* e as máquinas falantes coexistem, houve a percepção de que seriam, ambas, presença nas cenas constitutivas do *infans*. Assim, as (a)notações, passaram a orbitar as posições e funções que o atravessamento da máquina poderia produzir no percurso-circuito da pulsão invocante. Entre circuitos e curtos-circuitos pulsionais, a voz máquina é escutada em sua presença entre aquele que ainda não fala e seu próximo.

A partir desse campo harmônico produzido pelo método e pela posição do pesquisador, o qual ecoa as questões de pesquisa e seus objetivos, foram compostos os movimentos-procedimentos. Assim, entende-se que o movimento final (mas não último) desta composição são novos compassos de silêncio, a fim de que outros notares possam se produzir, retroalimentando os improvisos e anotações invocados neste escrito.

Banho de poeira - Alafia

Banho de poeira, mãe
No rebanho dos sozinhos
Mãe do som que assanha Ossain
Assovio dos caminhos
És quem dá luz ao trovão
E aos nove redemoinhos
Eu sou filho desse ninho
Tanto sou que canto solto
Feito nuvem vento nu
Vem solta no vento nua
Vem nuvem no vento nu
Vem solta no vento nuvem
Labareda e tempestade
Meu pulmão é o firmamento
Búfalo -Epahei- tufão que invade
Coração e olhar atento
Brilho estrelas que apresento
Sendo o céu em movimento
Feito nuvem vento nu
Vem solta no vento nua
Vem nuvem no vento nu
Vem solta no vento nuvem
Esposa desse repouso
Que sobra depois do medo
Sopro no cedo do tarde
Sopro no tarde do cedo
Salvo o segredo da vida
Que sopro só pro segredo
Que sopro só pro segredo
Que sopro só pro segredo

Artigo 1

O Acalanto como dispositivo psicanalítico ampliado em espaços de acolhimento institucional para crianças e adolescentes⁷.

Raul Oliveira Jung

Andrea Gabriela Ferrari

Milena da Rosa Silva

Resumo

O projeto surge a partir da experiência de estágio realizada por um dos integrantes do projeto em uma Casa de Acolhimento. O artigo propõe reflexões sobre a prática do acalanto com crianças em acolhimento institucional, estabelecendo a relação entre ensino, pesquisa e extensão. A música e sua relação com a constituição do sujeito são eixo central no projeto, que segue orientação teórica psicanalítica, com enfoque no conceito de pulsão invocante. Da análise dessas questões, identifica-se o acalanto como um potente elemento para a elaboração do trauma da separação, bem como para a constituição do sujeito psíquico.

Palavras-chave: Acalanto, Pulsão Invocante, Acolhimento Institucional, constituição do sujeito psíquico, dispositivo clínico.

“Tudo começou... Ela me plantou... No seu pátio”⁸

Era uma vez...

Este artigo é fruto do projeto “A HORA DE DORMIR: o acalanto com crianças em acolhimento institucional”, que surge a partir de uma experiência de estágio em uma Casa de Acolhimento da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) de Porto Alegre, RS. Com um bebê chorando no colo de um educador social, o estagiário de psicologia entoava uma canção de ninar acompanhada de um dedilhar no violão. Rapidamente, o bebê cessa o choro e adormece⁹. Por se tratar de uma prática ocorrida em um momento tão precoce da existência

7 Essa parte da dissertação reproduz, na íntegra, artigo submetido para publicação (ainda não avaliado).

8 Trecho de “Acalanto de primavera”, composição de Thiago Ramil (inédita) durante o período de estágio na casa de acolhimento. Outros trechos também ilustram capítulos.

9 Após algumas conversas com a Psicóloga do local, Mirela de Cintra, e com a professora Andrea Gabriela Ferrari, orientadora acadêmica, surge a ideia inicial do projeto. Inicialmente como uma proposta de extensão, formulou-se a ideia inicial do projeto, vinculado ao Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da UFRGS. Por meio da prática do acalanto, o projeto teve como objetivo auxiliar as crianças na preparação para o dormir, momento conturbado na rotina destas casas.

humana, faz-se necessário apresentar algumas bases conceituais que permeiam o trabalho, a fim de enriquecer e fundamentar a reflexão sobre o tema. O conceito de pulsão invocante, introduzido por Lacan, bem como os escritos de Freud sobre as angústias relacionados com o dormir, foram escolhidos como perspectivas iniciais para pensar a prática. Concomitantemente, escritos de autores contemporâneos sobre o conceito de Acalanto (CAVANI-JORGE, 1988), Pulsão Invocante (DIDIER-WEILL, 1999,1997, VIVÈS, 2009), Acolhimento Institucional (STAHLSCHMIDT, 2000, 2006, 2007) e Voz (CATÃO, 2005 e MATTOS, 2008) também são referências para o estudo. O artigo é o desdobramento dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos integrantes do projeto (MAGALHÃES, 2013 e JUNG, 2015).

O fato do projeto ter sido proposto como extensão produziu efeitos significativos em sua elaboração metodológica. Isso fez com que houvesse menor rigidez com relação ao ambiente do estudo. Percebendo que o local mudava a cada nova intervenção, fosse pela alternância das crianças participantes, fosse pela dinâmica da casa, havia a necessidade de uma sensibilidade em relação ao contexto¹⁰. Esse cuidado proporcionou uma interação mais produtiva com as crianças, entendendo um pouco mais da dinâmica da casa, assim como trocas mais ricas em relação ao vínculo com a oficina. No princípio, havia a suposição de que um ambiente silencioso seria mais propício para a vivência da prática do acalanto. Contudo, o decorrer do trabalho fez emergir a relevância e a riqueza das enunciações das crianças durante a atividade, por meio da resistência e do boicote.

Os encontros ocorreram semanalmente, no turno da noite. A oficina era conduzida por doisicineiros pesquisadores, um deles violeiro e o outro contador de histórias, que alternavam na apresentação dos conteúdos e na interação com as crianças. Os educadores sociais contribuíram com a dinâmica da casa e seguiam com a rotina estabelecida. O momento iniciava com uma breve interação seguida de um momento musical na sala de estar, com canções mais interativas e contação de histórias, enquanto ocorria a escovação de dentes e a organização dos quartos. Na parte final da atividade, já no quarto, as crianças se acomodavam em suas camas e eram entoadas as canções, em formato voz e violão, de forma suave e cíclica, considerando as características do acalanto (CAVANI-JORGE, 1988), até que todos

10 O espaço onde a pesquisa ocorreu é porta de entrada do acolhimento no município, o que implica população dinâmica, com ingressos e transferências frequentes. Os primeiros dias de acolhimento de uma criança costumam ser bastante difíceis em função da separação das figuras de cuidado. As chegadas e saídas também implicam na formação do grupo da casa, podendo gerar conflitos ou um ambiente mais agitado. Os educadores sociais dividem-se em três plantões, com dois ou três adultos por turno. Durante a noite o trabalho complexifica pelo fato de não haver equipe técnica, bem como por ser um momento mais angustiante para os educandos. Além dos educadores, o espaço conta com equipes de enfermagem, manutenção, limpeza, alimentação e administrativos.

estivessem adormecidos. As atividades foram registradas em diários e excertos dos escritos são apresentados ao longo do artigo.

A metodologia proposta foi a de Pesquisa Ação, na qual pesquisadores e participantes se encontram envolvidos de maneira cooperativa e participativa. As impressões e situações vivenciadas eram registradas por meio de diários feitos após cada atividade e reuniões com as orientadoras locais e acadêmicas. Para Emerenciano de Melo, Maia Filho e Chaves (2016):

“Ao propor a pesquisa-ação, Lewin ousou não apenas estudar o problema in loco, mas participar do problema. Conviver com a dor dos sujeitos para compreender clinicamente o seu problema. Observar, descrever, analisar e devolver a escuta na busca do conhecimento. Propôs que os objetos da pesquisa se transformassem em sujeitos e, assim, usufríssem diretamente da produção do saber. Resolvendo seus próprios problemas para aprender a pesquisar, para aprender a se apropriar de sua realidade. A comunidade se torna, assim, o próprio pesquisador em ação mediado pelo proponente inicial da pesquisa.” (EMERENCIANO DE MELO, MAIA FILHO & CHAVES, 2016, p.154)

“No pátio eu percebi, que não era só eu ali”¹¹

O acolhimento e suas peculiaridades

Entende-se que crianças em situação de acolhimento institucional enfrentam muitas angústias em relação à separação dos pais ou figuras parentais. Além de serem afastadas do ambiente familiar, passam a dividir a atenção e o espaço com muitos jovens em situação parecida. No turno da noite, o quadro de funcionários fica mais restrito e as demandas são mais intensas, visto que nesse momento as crianças relembram o afastamento da família. Dessa forma o momento de dormir é bastante representativo da separação.

As casas de acolhimento, mais conhecidas como abrigos, atuam quando ocorre a separação a partir de uma determinação judicial. O trabalho destas instituições é muito delicado visto a fragilidade em que se encontram essas crianças. O ambiente institucional difere significativamente do ambiente familiar, e a atenção singular se dilui na atenção coletiva, pois um educador é responsável pelos cuidados de muitas crianças. Soma-se aqui o fato de haver, com frequência, superlotação, o que faz com que as tarefas rotineiras tomem praticamente todo o tempo. Para Stahlschmidt (2007), bebês em acolhimento apresentam dificuldades no estabelecimento de laços com as figuras de cuidado, assim como costumam apresentar déficits em relação ao desenvolvimento esperado para a idade, dessa forma, a autora reforça a importância de atividades musicais destinadas a esse público.

11 Trecho de “As lágrimas coloridas de uma árvore falante” de Thiago Ramil (inédita), na época em que trabalhava no abrigo. Outros trechos também ilustram capítulos.

No turno da noite, principalmente o momento de dormir é tido como exigente na rotina de trabalho dessas casas. É nesse momento que as crianças se mostram saudosas e sentidas pelo afastamento de seus familiares. Exige, portanto, bastante atenção e cuidado dos educadores. O projeto pretendia, por meio do acalanto, contribuir na elaboração da separação, real (acolhimento) e simbólica (recalcamento originário (FREUD, 1915), como também, por meio da atividade, auxiliar na rotina de trabalho desta casa.

“Atividades musicais podem funcionar como um meio de auxiliar no resgate à ‘musicalidade perdida’ da mãe e no restabelecimento de seus laços com o bebê, contribuindo, de certa forma, para a minimização de riscos de instauração de futuras patologias psíquicas” (STAHLSCHMIDT, 2007, p. 5)

**“Todo dia o sol levanta, e a gente canta ao sol de todo dia
fim da tarde a terra cora, e a gente chora porque finda a tarde
quando a noite a lua mansa, e a gente dança venerando a noite”¹²**
Evolução metodológica e leitura do ambiente

A casa de acolhimento é um sistema dinâmico, no qual por mais simples que seja uma previsão, ela tende a se equivocar. Assim, o ambiente esperado - silencioso, sem muitos ruídos, com a criança deitada e ouvindo o acalanto - nunca foi possível. Na época os quartos não tinham portas e o barulho dos meninos, de louça sendo lavada, cadeiras sendo arrastadas e muitas vozes jamais permitiria que a atividade fosse feita em absoluto silêncio.

A questão das chegadas e partidas foi um elemento importante, fazendo efeito tanto para as crianças, quanto para os funcionários. O grupo nunca era o mesmo, praticamente em todas as atividades identificava-se a presença de crianças novas e outras que já não estavam mais, as quais, possivelmente, não retornariam mais. Havia também funcionários mais novos e mais antigos, que lidavam de formas muito diferentes com as crianças.

Muitas crianças visitam seus familiares ou cuidadores no final de semana, retornando no domingo. Assim, era comum que estivessem mais agitados nos dias que antecedem e sucedem as visitas domiciliares. A atividade passou a ocorrer em dias variados da semana e foram identificadas peculiaridades em relação ao início/meio/final da semana.

Toda vez que os oficineiros ingressavam na casa de acolhimento, eram recebidos com uma recepção calorosa. Ao contrário do que poderia se supor, que as crianças se habituassem com a atividade, a reação era oposta, cada vez com mais alegria e felicidade, indicando a constituição de um vínculo.

“Acredito que isso se dê pelo fato de a oficina não ser mais uma surpresa ou ser considerada uma festa, mas sim a atividade está ganhando corpo e legitimidade,

12 Canto de um Povo de Um Lugar, Composição de Caetano Veloso, 1975

inclusive nossos pedidos e comunicação foram sendo acatados mais facilmente.”¹³
(Diário de campo)

Puls(aç)ões

Para compreender a importância da voz e da musicalidade na constituição do sujeito psíquico, consideram-se algumas teorizações sobre um dos conceitos base da teoria psicanalítica. Freud (1915/2004) definiu pulsão como uma força que impele o aparelho psíquico em busca de prazer, ou seja, que motiva o sujeito. Para este autor, o grande objetivo da pulsão, sua meta, é a de gerar satisfação. Para Freud, a pulsão encontra-se entre o psíquico e o somático. No que diz respeito a esse objetivo, pode ser múltiplo ou parcial, aplicando sua força em um determinado objeto, que possibilita a pulsão atingir sua meta. Considerando a posição freudiana em relação às zonas erógenas, em suas primeiras experiências de relação com o mundo, o bebê passa a mapear seu corpo a partir dos estímulos apresentados, principalmente por meio da relação com o outro assegurador, *Nebenmensch* (FREUD, 1895/1950). Para Freud, essas marcas representam as origens das pulsões. As fontes das pulsões dar-se-iam na excitação dessas zonas erógenas.

A releitura feita por Lacan (1964/1998) sobre o conceito de pulsão trouxe contribuições, bem como diferenças significativas na concepção de constituição psíquica do sujeito. Para o autor, o campo pulsional é um campo de significações que sobrepõem o campo biológico, estando ligadas à linguagem. Segundo Lacan, “Nenhum objeto de nenhum *not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão (...) essa boca que se abre no registro da pulsão – não é pelo alimento que ela se satisfaz” (LACAN, 1964/1998, p.160). Mesmo antes de nascer, o bebê é marcado por nomes e imagens, fruto da expectativa e imaginação de seus pais. Entende-se, portanto, que o ser humano nasce envolvido pela linguagem, aqui explicitada, como produção simbólica, isto é, a capacidade de emprestar significantes para representar a realidade. Após o nascimento abrem outras possibilidades de nomeação, ao mesmo tempo que se restringem pelos limites do corpo do bebê, assim como pela história geracional dos pais e a cultura na qual estão imersos. Para Inês Catão (2009), citando Suzanne Maiello (1997), ressalta a prematuridade da audição da voz intraútero, principalmente a voz materna, experiência que denomina vividos auditivos prenatais. Em alternância com o silêncio, a autora considera uma “protoexperiência de presença

13 A partir deste capítulo passam a ser apresentados fragmentos dos diários de campo produzidos ao longo das atividades.

e ausência”. Assim, a autora aponta para a constituição de um proto objeto prenatal de qualidade sonora.

Ao descolar a origem do campo pulsional das zonas erógenas, Lacan introduz outros objetos como fonte das pressões exercidas pelas pulsões. Atenta para a importância do olhar e da voz no desenvolvimento do aparelho psíquico, através da elaboração de dois conceitos fundamentais: pulsão escópica (olhar) e pulsão invocante (voz), os quais coloca como objetos causa de desejo. Freud aborda brevemente em “Pulsões e destinos da pulsão” (1915/2004) a relação do olhar com o circuito pulsional, ao exemplificar no sadomasoquismo a alternância objetal. Lacan aprofundou-se sobre a relação escópica, formulando a teoria do estágio do espelho, e deixando poucos escritos sobre a voz. No entanto, descreveu a pulsão invocante como “a mais próxima da experiência do inconsciente” (LACAN, 1964/1998, p.102).

“Estrela, estrela... como ser assim?

Tão só, tão só... e nunca sofrer”¹⁴

(um)bilical, nascimento, trauma de separação, relações parentais

As produções de Freud (1915/2004; 1926/1996) e Lacan (1964/1998), assim como de outros autores como, Winnicott (1975, 2000), Didier-Weill (1997), Michel Vives (2009) e Ana Stahlschmidt (2000,2006) corroboram com a posição de que o bebê passa por uma relação de complementaridade com sua mãe. Essa relação vai além da nutrição, pois o tato e a audição já estão desenvolvidos meses antes do nascimento, sendo a audição o contato com o mundo externo. O ritmo cardíaco, os fluidos internos, o balançar e outros sons, principalmente a voz materna, já se fazem presentes na existência do feto. No momento do nascimento essa complementaridade é rompida, o que é bem representado pelo corte do cordão umbilical. No entanto, a elaboração desse trauma, por assim dizer, dar-se-á em um processo longo e gradual, a partir da incorporação de significantes para buscar representar esse evento.

Winnicott (1978), trouxe importantes contribuições sobre o desenvolvimento humano. Para o autor, no momento do nascimento “não existe esta coisa chamada o bebê”. Isto é, não há, para o bebê, consciência de uma existência própria, descolada da mãe. Esse corte, como demonstrou Freud em “Inibição, Sintomas e Ansiedade” (1926/1996) é considerado um evento

14 Trecho da música Estrela, Estrela, de Vitor Ramil (1981). Outros capítulos na sequência também são ilustrados por versos dessa composição. Além de muito entoada durante a execução do projeto, consegue apresentar, através da metáfora da estrela, o processo da elaboração do trauma de separação e fim da complementaridade (Magalhães, 2013).

fundante, porém traumático, o qual será reatualizado ao longo da vida, sendo, portanto, um eterno processo de elaboração.

Pensando na perspectiva de que a elaboração do corte é um processo contínuo e que se inicia após o nascimento, esse movimento começa já nos primeiros momentos de um bebê. Ao sair do útero e passar a receber uma infinidade de estímulos novos e diferentes, a criança busca um retorno ao ambiente no qual estava antes do nascimento. Assim, a voz materna, o afago, o embalo rítmico são elementos que propiciam ao bebê rememorar o estágio de gozo intrauterino ao mesmo tempo que acompanham a gradual elaboração de sua perda. Para Catão (2009), o bebê é atraído pela voz do Outro primordial endereçada a ele. As características dessa voz, como ritmo e traços melódicos, representam algo de seu próprio gozo. Para a autora, seriam justamente nesses aspectos que atraíram a atenção do bebê. Para Catão, mesmo que o *infans* não seja capaz de entender o sentido da enunciação, seria capaz de antecipar a direção do sentido através da prosódia contida na voz do outro cuidador.

“Para Lacan o bebê encontra seu lugar na falta do Outro desejante, porquanto é o desejo desse Outro que imprime as primeiras marcas, ou traço unário, no corpo do bebê. O traço unário é a relação mínima entre o eu e seu objeto, a estrutura mais elementar e está na base do significante.” (CATÃO, 2009, p. 225)

O evento é significativo para a mãe também. Ao deparar-se com a experiência do filho, rememora sua falta fundante e acaba, em seu devir, por reelaborar seu trauma, incorporando novos significantes. Ao responder ao grito/choro do filho, atende ao pedido que também é seu. Assim, os primeiros anos de vida da mãebebê¹⁵ são intensos na medida em que mãe e filho se apresentam e se deparam com sua semelhança: a falta.

**“Brilhar, brilhar... Quase sem querer
Deixar, deixar... ser o que se é”**
Pulsão invo(cante), Voz.

Jean Michel Vives coloca que a invocação do Outro, dada pela voz, faz com que o significante entre no real e produza o sujeito enquanto efeito de significação, sob a forma de resposta - “a voz do Outro invoca o sujeito, sua palavra o convoca” (VIVÈS, 2009, p.196). Ainda, segundo o autor, “com a resposta do Outro, o grito puro (*pur*) tornar-se-á grito para (*pour*)”(VIVÈS, 2009, p.195). Para advir o *falasser* é preciso que haja uma perda do real da voz, timbre originário, criando a possibilidade de o sujeito vir a ter sua própria voz. O trabalho

15 Neologismo criado para indicar a relação de continuidade entre o cuidador e o bebê

da significação ensurdece o real do som “a palavra faz calar a voz, esburaca o corpo, marcando o ser vivo” (VIVÈS, 2009, p. 196).

Ao entrar em um novo mundo que ultrapassa a relação de continuidade entre mãe e filho, a criança ingressa no mundo dos significantes e a palavra o convoca a advir como sujeito. É a resposta ao grito, inicialmente “choro”\puro, que o torna “pedido”\para. É nesse momento que a voz deixa seu caráter alienante para tornar-se objeto pulsional, objeto *a*. Vivès (2012/2018, p.15) define o ponto surdo como um lugar intrapsíquico em que o sujeito se torna surdo para poder falar, sem saber o que diz, como sujeito do inconsciente. Como condição à constituição desse lugar, o autor coloca a experiência de ressonância com o timbre originário, efeito da pulsão invocante.

“Em outras palavras, a música propõe um dispositivo que, ao longo da vida do sujeito, lhe permitiria aproximar-se do que está em jogo no gozo e na perda desse gozo que presidiram seu nascimento. A atividade musical seria a comemoração inconsciente desse instante mítico, no qual o sujeito se viu arrancado do caos pelo encontro com a voz do Outro, permitindo-lhe adquirir a própria voz.” (VIVÈS, 2018, p.27)

“E vais e vens como um lampião ao vento frio de um lugar qualquer”

Ponto Surdo, presença/ausência

“A mãe, assim, terá a importante função de envolver o bebê pela continuidade de suas vogais, chamando-o para a linguagem, tal qual fazem as sereias em seu canto, mas também efetuar uma ruptura neste laço, pelo corte das consoantes, sem o qual seu canto seria mortífero. O que faz tal corte é mais propriamente a dimensão da voz do Pai que é passado pela voz musicada e desejante da mãe. A Lei rompe com essa alienação inicial, há aí o estabelecimento de pai que nomeia a criança” (MATTOS, 2008, p.6).

Essa posição evidencia o momento do corte, da pausa, do silêncio, representante do “recalcamento originário” (FREUD, 1915), que inaugura o sujeito com voz própria. Entende-se esse processo como a elaboração de um ponto surdo (VIVÈS, 2009), responsável por recalcar a voz alienante a partir do silêncio, abrir espaço para a voz do sujeito. O autor, ao traçar um paralelo ao ponto cego, conceitua esse ponto no qual o sujeito possa “esquecer-se” que é receptor do timbre originário para falar, emitir. “Para tornar-se falante, o sujeito deve adquirir uma surdez a este outro, que é o real do som musical da voz” (VIVÈS, 2009, p.197). A aquisição do ponto surdo é que permite o sujeito, já neste momento barrado, vir a ouvir, e falar. O som que antes invocava o sujeito, agora pela palavra o faz invocante. “A voz surge, nessa operação de separação, como litoral¹⁶ entre sujeito e Outro, na medida em que estes são simultaneamente constituídos (MATTOS, 2008, p.1).

16 Tal qual afirma Catão (2005, p. 280): “a voz faz litoral”.

Contudo, o princípio da pulsão invocante mostra que “o sujeito do inconsciente *não* esqueceu que, para tornar-se invocante, foi preciso tornar-se surdo à pura continuidade vocal do Outro” (VIVÈS, 2009, p.198). Essa voz primordial invoca o sujeito a reatar-se com o arcaico, tempo em que o desejo não havia sido instaurado. Não obstante, mesmo tornando-se surdo a essa continuidade vocal, o encantamento permanece na condição de recalcado, podendo advir a partir de uma situação que o convoque. É importante que o corte, possibilite o ingresso do sujeito no simbólico. Considera-se que o acalanto tenha a capacidade de tocar-nos tão profundamente, ao ponto de nos levar a um sentimento visceral - da ordem do indizível. Nesse momento, a sensação de completude se atualizaria.

“...passou a tocar olhando fixamente para ele, apenas murmurando umas das canções. Inesperadamente, o menino começou a chorar, sem que qualquer outro fator pudesse ser notado.”(Diário de campo)

Ao deter-se sobre o conceito de pulsão invocante, Inês Catão (2011) divide em dois momentos a função da voz para o bebê: primeiro - correspondente à operação de alienação - a voz tem valor enquanto prosódia e musicalidade; num segundo momento, inaugurada pela operação de separação, a voz constitui-se como objeto *a* da pulsão. Essa divisão auxilia-nos a perceber a ambivalência da voz, bem como a dificuldade de traduzir em palavras o real som da música. O circuito pulsional torna a voz objeto, mas não a circunscreve, mantendo-se como sobra, fora dos limites da palavra.

Interessante pensar que a estruturação do ritmo musical contém em si representantes da alternância presença/ ausência. Para Carvalho (2012), “O indivíduo nasceria com uma apetência rítmica que precisaria realizar de diversas maneiras e cuja saída inelutável seria a palavra pronunciada em outros espaços rítmicos”. Para Allione (2005), “O ritmo é o fundador *primitivo* do símbolo e, portanto, do significante que cadencia o sujeito. Poderíamos reler à luz disso o texto de Freud sobre o *fort-da*, e das inúmeras exegeses que viemos a fazer depois. O *fort-da* também é rítmico e ritmante” (ALLIONE, 2005, p. 292). Essa alternância inaugura, juntamente de outros processos, a realização do corte da pura continuidade vocal, através do chamado ponto surdo (VIVÈS, 2008). É essa surdez estrutural que produz a pausa, o silêncio.

“Com um novo fracasso em acalmar F, decidi deixá-lo no chão. Ele então deu alguns giros no próprio eixo e se escondeu atrás do berço, em um lugar que não tinha contato visual comigo. Em seguida, foi para o lado, reatando o contato visual, e deu uma risada, se escondendo novamente. F fez isso repetidamente, parecendo brincar do famoso *fort da*, citado por Freud.”(Diário de campo)

**“É bom saber que és parte de mim
assim como és parte das manhãs”**

O dormir como experiência de morte narcísica

Esse *Nebenmensch* que responde ao grito do *infans* tem um caráter diferenciado. Sua voz tem efeito a nível real no psiquismo do bebê. Sobre o processo de separação com o outro assegurador, Ana Lúcia Cavani Jorge (1988) aponta que:

“tal relação excede o limite do contato físico, da amamentação, da compensação à prematuridade biológica do bebê; porque a mãe é mais do que um objeto de amor ou de agressividade; a mãe é para o filho o suporte de um fantasma. É assim que a função materna consiste em significar para o filho o que é o Faló: relação de pura fruição narcísica, de natureza especular onde ambos se espelham cada um no olhar do outro, dessa identidade imaginária surge a relação de complementaridade pela qual cada um é o que falta ao outro” (CAVANI-JORGE, 1988 p 65).

A resposta da mãe por meio do acalanto é uma forma de elaboração dessa separação. A criança que pede auxílio reconhece em alguém a possibilidade de compartilhar sua morte narcísica, a morte da complementaridade primordial, vivida no momento intrauterino. É na hora de dormir que a situação de separação real em relação aos pais ou cuidadores se evidencia. Esse momento de dormir se apresenta como um processo de rememoração da separação originária, que tem como protótipo originário o nascimento.

“Adormecer... fazer adormecer... Por que fazer adormecer se o sono é uma necessidade natural, psicofisiológica, de frequência individual? (...) por que não adormecer simplesmente, não aceitar o sono, repudiá-lo, precedê-lo de infinitos rituais postergadores, como ocorre às crianças? Por que a angústia no adormecimento, mesmo em bebês?” (CAVANI-JORGE, 1988, p.13).

O questionamento de Ana Lúcia Cavani Jorge explicita a angústia que o momento de dormir pode gerar. Diferentes formas de representar os medos antes de dormir estão representadas em figuras folclóricas em diversas culturas. Exemplos disso são figuras como BOI-tatá, Homem-do-Saco, Bicho-Papão, Cuca, presentes na cultura brasileira. Mudam-se as figuras e os nomes, mas encontra-se produções como estas por todo o mundo. Ainda, segundo a autora, o sono pode ser considerado como a morte narcísica; “dormir é cerrar os olhos, não ver, não se ver visto. Não se ver visto é a morte narcísica” (CAVANI-JORGE, 1988, p.38)

“Primeiramente sua atividade era olhar-nos, como lhe retribuíamos sorrisos e gestos de afirmação, ele respondia igualmente, como em um espelho. Depois ele ficou como paralisado a olhar o oficineiro tocando, como se estivesse em um momento de deleite profundo”. (Diário de campo)

Interessa pensar a relação do medo de dormir com a constituição do sujeito psíquico, entendendo o dormir como uma rememoração da separação real em relação à complementaridade. A temática do horror se apresenta então como um pedido de acalanto, de

auxílio na elaboração da solidão apontada pelo dormir. O medo seria, em ato, uma forma de manter os pais ou cuidadores presentes até o cair do sono.

“A música teve efeitos muito interessantes, as crianças acalmaram-se e ficaram em silêncio na maior parte do tempo. Uma, que estava mais vidrada e interessada fez alguns comentários muito interessantes como: 'que música triste, dá vontade de chorar' para logo em seguida dizer 'que música linda, toca mais'. Mostrando o poder do acalanto em afagar e preparar as crianças em vários sentidos.” (Diário de campo)

**“Melhor, melhor é poder gozar
da paz, da paz que trazes aqui”**

Acalanto

Segundo Ana Cavani Jorge (1988), a prática do acalanto tem como base um momento da história da relação do bebê com seu cuidador, geralmente a mãe, no qual ambos estão na intimidade do quarto. Ocorre à noite, diante de um dos grandes medos da criança, o escuro. Mais do que uma canção e um afago, o acalanto é uma prática complexa, na qual se misturam: embalo ritmado, lento, afagos, junto a uma melodia simples e repetitiva, agradável e cantada em tom muito delicado, sussurrante. O texto do acalanto também possui características peculiares como a exaltação narcísica da criança, afastamento dos pais, proteção divina ou familiar diante de perigos indeterminados, míticos e nem sempre nomeados. A prática funciona ajudando a mãe e a criança a aceitar a separação e a solidão, em uma busca por exorcizar os perigos que tentam separar mãe e filho.

Dessa forma, o acalanto atuaria em dupla perspectiva: na angústia pela castração e na falta da castração, processo representante do recalçamento originário. Em seu conteúdo, contém aspectos relacionados ao ser humano, como a solidão, a morte, a ilusão da completude, a interdição do incesto, a proteção de alguém mais poderoso. Para a criança há o processo de elaboração do recalçamento, trauma da separação do corpo materno. “Elaborar a separação diária pelo sono, é possibilitar também à criança essa elaboração” (CAVANI-JORGE, 1988, p. 38).

**“Eu canto, eu canto por poder te ver
no céu, no céu, como um balão
eu canto e sei que também me vê
aqui, aqui com essa canção”**

O tornar-se invocante

É justamente essa elaboração, do desejo de união em um nível imaginário, que é expresso nos textos dos acalantos, possibilitando também uma elaboração linguística. Podemos falar de um fantasma de completude, presente nas figuras parentais, que fornece o conteúdo

dos acalantos. As temáticas abordadas nessa prática traduzem um processo de elaboração para os cuidadores, o que é visível ao acalantar bebês que ainda não ingressaram no plano simbólico. Dessa forma, esse desejo (barrado) de complementaridade é que faz do adulto cuidador a figura mais indicada e eficaz para acalantar. Um exemplo aconteceu durante uma das atividades do projeto, uma educadora (também mãe) ficou muito tocada pelo momento.

“Após a atividade, ela se despediu muito agradecida e com os olhos mareados. Em nossas conversas posteriores às atividades, não conseguimos pensar em outra possibilidade senão um efeito de rememoração também para ela.” (Diário de campo)

Aproximando o conceito de ponto surdo com o acalantar, ressaltando a importância da função materna, Ana Paula Melchior Stahl Schmidt (2000, 2007) coloca que é necessário permitir-se ter o “coração roubado” pelo bebê, possibilitando que “alguns significantes de sua própria história sejam emprestados a este”. Alain Didier-Weill (1997) indica que as músicas atuam como elementos capazes de escutar o sujeito em seu apelo, para que venha a ser o que ainda não é.

“A velocidade e o tom de voz bem calmos fizeram com que toda a agitação fosse sendo acalmada, tranquilizada. Houve um misto entre as crianças que ficaram vidradas, encantadas com a música e as outras que se entregaram ao relaxamento e se acomodaram para ouvir.” (Diário de campo)

**“O dia se renova todo dia, eu envelheço cada dia e cada mês
o mundo passa por mim todos os dias, enquanto eu passo pelo mundo uma vez”¹⁷**

O Acalanto como Dispositivo Psicanalítico Ampliado

Após o período de aprendizagem, a atividade passou a ocorrer de forma que fosse agradável para todos, crianças, educadores e educadores. A ideia inicial, que era simplesmente propor um acalantar, havia se transformado em uma atividade complexa. Era possível auxiliar na rotina da casa, abrir um espaço de participação ativa das crianças e também observar os efeitos do acalanto. Por mais que o objetivo final fosse o dormir, os efeitos do acalanto eram identificados por meio das falas das crianças, que expressavam suas angústias ou sentimentos, muitas vezes mascaradas por birras, boicotes, brincadeiras e até xingamentos. Conforme Elia (2007), a intervenção levando em conta a perspectiva do dispositivo psicanalítico ampliado, além dos efeitos no sujeito, tem potência de promover mudanças nos contextos em que os sujeitos estão inseridos.

Dessa forma, a trajetória do projeto “A HORA DE DORMIR: o acalanto com crianças em acolhimento institucional” apresenta as características do dispositivo psicanalítico

17 Trecho de “O Mundo é assim”, Velha Guarda da Portela, 2000.

ampliado (ELIA,2007), possibilitando às crianças e ao campo serem escutadas pelas canções, que ecoavam em suas enunciações, fazendo-os advir com sua voz própria, elaborando o processo de acolhimento institucional, bem como sua falta como sujeitos do inconsciente.

“Ela perguntou se ele estava com sono, ele respondeu que sim. Depois perguntou se eu estava. Se preocupou com a nossa volta para casa, dizendo que haviam ladrões. Nos convidou para dormir lá e ir somente no outro dia. O oficinairo lhe disse que estávamos de carro e agradeceu a preocupação. Logo em seguida, murmurou algumas palavras e adormeceu.” (Diário de campo)

Referências

ALLIONE, C. (2007). La recherche des rythmes disparus. *Cliniques méditerranéennes*, v.75,n.1,p.277-294.

CARVALHO, G. M. M. de (2012, dezembro). O ritmo como questão nas manifestações verbais singulares do autista. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 15(4), p. 781-797.

CATÃO, I. (2005) *A voz na constituição do sujeito e na clínica do autismo: o nascimento do Outro e suas vicissitudes*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2005.

CATÃO, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage.

CAVANI-JORGE, A. L. (1988). *O acalanto e o horror*. 1. ed. São Paulo: Escuta, v. 1.

DIDIER-WEILL, A. (1997) *Nota Azul: Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

DIDIER-WEILL, A. (1999). *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

DOLTO, F. (1996) *No jogo do desejo: ensaios clínicos*. 2. ed. São Paulo: Ática.

ELIA, L. (2007) O dispositivo psicanalítico ampliado e sua aplicação na clínica de atenção psicossocial. *Revista de psicologia da UERJ*, v.7, n. 3.

EMERENCIANO DE MELO, A., MAIA FILHO, O., & CHAVES, H. (2016). Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1), p. 153-159.

FREUD, S (1990) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago

(1895) “Projeto para uma psicologia científica”, v. I, p. 403-466.

(1914) “Os instintos e suas vicissitudes”, v. XIV, p. 127-62.

FREUD, S. (1996) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago

(1926) “Inibições, Sintomas e Ansiedade”. v. XX p. 81-171.

FREUD, S. (2004) *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago.

(1915) “Pulsões e destinos da pulsão”, v. I. p. 133-173

JUNG, R. O. (2015) *A hora de dormir: o acalanto com crianças em acolhimento institucional e seus desdobramentos*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

LACAN, J. (1957) *As Formações do Inconsciente, O Seminário V*. Jorge Zahar Editor, RJ: 1999.

LACAN, J. (1964) Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, *O Seminário, Livro 11* 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MAGALHÃES, T. R. (2013) *A hora de dormir: o acalanto com crianças em acolhimento institucional*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

MAIELLO, S. (1997). L’objet sonore. Hypothèse d’une mémoire auditive prénatale. Le corps. *Journal de psychanalyse de l’enfant*, 20, 40-66p.

MATTOS, R (2008). A voz como objeto a e a separação do sujeito frente ao Outro. In: *III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental / IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, 2008*, Niterói. III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental / IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental.

STAHLSCHMIDT, A. P. M. & Cintra, M. (2006) Em Nome da Lei: articulando psicanálise e direito nas ações protetivas de abrigo de infâncias. *Direito, Estado e Sociedade*, v. 28, p. 05-15.

STAHLSCHMIDT, A. P. M. (2007) Do direito a uma canção de ninar. *Correio da APPOA - Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 163, p. 27-33

STAHLSCHMIDT, A. P. M. (2008) Nos prelúdios da vida. *Correio da APPOA - Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 165, p. 3-11.

VIVÈS, J. M. (2009) A Pulsão Invocante e os Destinos da Voz. *Psicanálise & Barroco em revista* v.7, p. 186-202

VIVÈS, J. M. (2009) Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 329-341.

VIVÈS, J. M. (2018) *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Corpo Freudiano. Rio de Janeiro.

WINNICOTT, D. W.(1945) *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000

WINNICOTT, D. W.(1971) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975

O Corpo Vai Acabar - Thiago Ramil

O corpo vai acabar
Depois de tanto espalhar
Gestos, rastros
Incontáveis passos
O corpo vai espalhar
Mesmo depois de acabar
Seus pedaços
No infinito lastro
Sem volta, acha o eixo e
Reinventa a roda
Em novos corpos no amanhã
Rebentando em muitas direções
O corpo vai acabar
Depois de tanto espalhar
Gestos, rastros
Incontáveis passos
O corpo vai espalhar
Mesmo depois de acabar
Seus pedaços
Num infinito lastro
Sem volta
Acha o eixo e reinventa a roda
Em novos corpos no amanhã
Rebentando em muitas direções
E brota em outras notas
Reverbera em ondas
Vastas margens fractais
Que se arranjam
Em outros finais

Artigo 2

Do bem-ouvido ao improviso: a voz máquina na constituição do *infans*¹⁸

Raul Oliveira Jung

Milena da Rosa Silva

RESUMO: O artigo parte da reflexão acerca do termo *nebenmensch* (Freud, 1895/1996), traduzido como “outro ao lado”, mas também como próximo assegurador, entre outros, na constituição do sujeito psíquico. A partir deste próximo, são trabalhadas as qualidades dessa figura no que tange aos processos de convocação e invocação do *infans* como sujeito falante. Assim, o próximo assume “função improvisante” (Laznik, 2011), apresentando elementos musicantes e fazendo da voz elemento estruturante para o *infans*. A partir da massificação dos dispositivos eletrônicos como elemento relacional, propõe-se a presença de uma *voz máquina*, proveniente do dispositivo eletrônico, como uma presença na cena dos cuidados e da relação do *infans* com suas figuras primordiais de cuidado. Deste atravessamento, são propostas posições e funções entre o próximo, a máquina e o *infans*, apresentando variações psicanalíticas em relação aos processos de constituição do sujeito psíquico a partir da voz. Assim, para além das necessidades da vida, o próximo se coloca não só em função de improvisar as manifestações do *infans*, em uma passagem que produz o *falasser*, mas também enquanto emulador das enunciações maquínicas, que propõem a repetição e a ecolalia em uma relação que não pressupõe a falta.

Palavras-chave: Nebenmensch; pulsão invocante; função improvisante.

1 Considerações iniciais

Entende-se que os processos constitutivos do sujeito ocorrem lógica e cronologicamente ao longo da infância. Especificamente nos primeiros meses de vida ocorrem processos de estruturação bastante significativos, que possibilitam amarrações imaginárias e simbólicas. Nesse aspecto, entende-se que há, neste momento, importante ênfase nas trocas entre o *infans* e o meio externo por meio dos sentidos, sendo o tato a audição e a visão essenciais, especialmente nas trocas com os humanos que se apropriam de seus cuidados. Assim, o artigo pretende apresentar ancoragens teóricas acerca dos adultos que assumem as funções de cuidado do *infans*. Partindo da perspectiva do *Nebenmensch* (Freud, 1895/1996), passando pelas funções de cuidado, o presente trabalho destaca a importância da pulsão invocante (Lacan, 1964/1998), implicada especialmente na voz, mas também por meio de outros sentidos quando representam processos de invocação na constituição do sujeito.

18 Essa parte da dissertação reproduz, na íntegra, artigo submetido para publicação (ainda não avaliado).

Seguindo a postulação de Marino (2018), o termo *infans* foi escolhido por estar na origem da palavra infância, tendo como significado “aquele que ainda não fala (p.97). Entende-se que o termo é mais adequado para tratar do momento de invocação e convocação do sujeito à linguagem. Passone (2016), complementa no sentido de que o termo *infans* reflete o momento em que o sujeito ainda se encontra privado da palavra. Para o autor, a linguagem se apresenta enquanto “isso que ultrapassa sua condição biológica” (p.118). Essa passagem faz com que o *infans*, em sua aquisição, passe a se referenciar pelo desejo e não mais pela necessidade. Nesses termos, o *infans* representaria o momento que precede as palavras e o ingresso no simbólico, e que vai se constituindo primordialmente por meio da figura do próximo. Nesse contexto, a opção do termo *infans* se dá pela significação dessa etapa, bem como sua importância estruturante. A partir dessas premissas, pretende-se identificar as características assumidas por este que se coloca no lugar de cuidado na passagem do *infans* ao sujeito falante.

O circuito teórico do artigo é atravessado por metáforas e associações musicais, buscando contemplar o improviso e a função improvisante como processo constitutivo e estruturante. Entendendo o manhês¹⁹ (Catão, 2009) como efeito da função improvisante, identificam-se pesquisas citadas por Vivès (2018), que apontam prejuízos nesse processo quando o *infans* e o adulto se encontram em uma relação atravessada por dispositivos eletrônicos. Ao se relacionarem por meio de dispositivos, foram identificadas diferenças nas propriedades do manhês. Dessa forma, este escrito questiona os efeitos de relações de cuidado cada vez mais atravessados pelos dispositivos eletrônicos. Que variações constitutivas ocorrem a partir do contato *online*? Como o anteparo do dispositivo eletrônico influencia as propriedades invocantes da função improvisante?

A partir dessas questões, entende-se que os dispositivos eletrônicos e os conteúdos infantis permeiam as relações de cuidado. Ao longo do estudo, pretende-se refletir acerca das características invocantes dos dispositivos eletrônicos, bem como suas possibilidades de se posicionar e de se relacionar com o *infans*. Contudo, a relação fica implicada a partir da relação-posição assumida pelo adulto que cuida, que vai proporcionar a forma pela qual se dará atravessamento do dispositivo na relação. Assim, considera-se possível que sejam apresentadas diferentes variações invocantes no *infans* a partir dessa relação. O presente estudo tem

¹⁹ Para Pierotti e Levy (2010), o manhês se caracteriza como uma prosódia característica da relação do próximo com o *infans*. Para as autoras, qualquer adulto que esteja libidinalmente investido nesse papel estabelecerá o diálogo dessa forma. Eurico (2018, p.10) aponta que a prosódia do manhês “inunda a criança no lençol da linguagem”, operando enquanto convocação do *infans* à fala.

arcabouço psicanalítico e apresenta reflexões teóricas a partir da revisão bibliográfica e reflexões a partir dos temas propostos.

2 Das necessidades da vida à demanda de amor

"Que é por intermédio do *Nebenmensch*, como sujeito falante, que tudo o que se refere aos processos de pensamento pode tomar forma na subjetividade do sujeito."(Lacan, 1959-60/1997. p.53)

A constituição do sujeito psíquico para a psicanálise tem como elemento fundamental a relação do *infans* com seu *Nebenmensch*. O termo *Nebenmensch*, citado por Freud em seu Projeto para uma Psicologia Científica, de (1895/1996), teria como tradução literal ‘humano ao lado’, mas também se identifica a tradução do termo como “outro ao lado”, “próximo”, “ajuda alheia”, “outro próximo”, “cuidador que garante”, “outro semelhante”, “semelhante que oferece ajuda” (Klautal & Faissol, 2016). Laznik (2000) utiliza o termo ‘próximo assegurador’, que optamos por utilizar para trabalhar a relação do *infans* com sua primeira ou primordial figura de cuidado. Entende-se por este termo pelo fato de representar a posição ativa deste próximo, que, ao se implicar na constituição do sujeito a advir, assegura o percurso estrutural do *infans* em seu desenvolvimento. Freud (1895/1996) aponta que, para além de garantir as necessidades da vida (*not des lebens*), o próximo também acompanhará o *infans* em seu ingresso na linguagem. Ferrari e Piccinini (2010) apontam a necessidade de haver um próximo que antecipa o que se espera do *infans*. Em um campo imaginário, serão lançadas as trilhas em que o *infans* poderá se constituir.

Laznik (1994) aponta que esse próximo, como Outro primordial, terá função de, ao mesmo tempo, ser Outro e outro. Como Outro, a fim de representar o “tesouro dos significantes” (Lacan, 1960/1998, p. 820), mas também como o pequeno outro da relação com o *infans*. A função que o próximo assume na relação com o *infans* implica a rememoração de sua própria constituição, bem como sua relação com seu próximo. Entendendo a constituição do sujeito enquanto processo não só cronológico mas também lógico, o processo de cuidado e de, para o adulto, se ver visto pelo bebe, propõe a rememoração do momento em que ele mesmo se encontrava enquanto *infans*. Ferrari e Piccinini (2010), a partir de Aulagnier, descrevem como a antecipação materna é fundamental para que seja possível a oferta de sentidos-trilhas para o *infans*. Os gritos do bebê, passam a ter significados atribuídos pelo próximo. O próximo, então, assume posição de dar sentido, a partir de seu repertório simbólico ao *infans* que ainda não o possui. Ferrari e Piccinini (2010) apontam a necessidade de que essa figura-função esteja

suficientemente inscrita no mundo simbólico para que seja capaz de transcender a relação que garante as necessidades biológicas. Esse próximo, então, assumiria uma posição de emulador do grito do *infans*. Nesse primeiro tempo, em que se supõe o que deseja o bebê a partir do oferecimento de seu próprio desejo, há a tradução desse grito puro (Vivès, 2009) atribuindo-lhe um sentido e um significado. Em relação ao grito puro (*pur* em francês), Vivès posiciona enquanto momento em que o *infans* ainda não direciona sua enunciação a um outro. Assim, o próximo se coloca enquanto ouvinte deste grito, enquanto receptáculo e estabelecendo condições para o endereçamento. O Próximo, então, assegura a passagem do grito puro para o que Vivès aponta como grito para (*pour* em francês) em que há um endereçamento. Dessa forma, passam a se estabelecer condições para que o *infans* possa avançar em sua constituição.

Aulagnier (1975) aponta que o *infans* se relaciona com os seus cuidadores em um micro meio. Esse micro meio é definido pela autora como espaço falante. Esse protótipo social é constituído pelos discursos e desejos que vinculam as relações familiares que atravessam essas relações.

Precedendo o nascimento do sujeito preexiste um discurso que o concerne: espécie de sombra falada e suposta pela mãe que fala, ela se projeta sobre o corpo do *infans* – quando do seu nascimento – tomando o lugar deste a quem se dirige o discurso do porta-voz [...]. A mãe [...] imputa à sombra um desejo que ela desconhece [...]. O que chamamos de sombra é, portanto, constituído de uma série de enunciados que testemunham o desejo materno referente à criança; eles constituem uma imagem identificatória que antecipa o que será enunciado pela voz deste corpo, ainda ausente. (Aulagnier, 1975, pp. 109-113).

Klautau e Faissol (2016) referem que o próximo realiza a função de garantia das necessidades vitais (*not des lebens*), mas que essa demanda vital vai se deslocando para demanda de amor. O próximo, como função primordial de sustentação da subjetividade do *infans* a partir de sua própria, assume função de Outro, possibilitando ao *infans* a alienação ao significante-mestre oferecido por esse primeiro Outro. Em um segundo momento o próximo se apresenta faltoso, como sujeito do Outro, o que faz com que o *infans* inicie o processo de separação. Nesse processo se instaura a alternância do próximo, como *Nebenmensch*, objeto de satisfação, mas também como objeto estranho, *unheimlich* (Freud, 1919/2019). O próximo, então, assume a função de realização da ação específica (Freud, 1895/1996). Interessante notar, nesse contexto, que o próximo, respondendo com linguagem, a qual carrega consigo a escansão, propõe, por meio de sua voz, a alternância presença e ausência, neste caso, entre som e silêncio. Da mesma forma, a voz, enquanto musicalidade, também propõe a relação de presença e ausência enquanto ritmo. Para Freud, a ação específica consiste em um ato de cuidado, exigida pela prematuridade do sujeito em constituição, que visa dar conta do alívio da tensão que gera desprazer. Para além das necessidades da vida, o próximo também vai prover

os significantes para que o *infans* ingresse no simbólico. Assumindo posição de potência simbólica, essa posição é a de Outro primordial.

3 A voz e a ação específica de invocar

“Antes do leite, os bebês se alimentam de voz” (Catão, 2009, p. 112)

Para Catão (2009) a voz tem dupla e concomitante função no estabelecimento do laço entre o próximo e o bebê e na sua constituição como objeto da pulsão. Para isso, aponta a autora, há a necessidade de passagem de objeto real para objeto simbólico. A voz como pulsão invocante, junto da oralidade e da especularidade, se apresenta como registro fundamental para a estruturação no primeiro ano de vida do bebê.

Na perspectiva de Lacan, o estatuto da voz não se restringe ao que é do registro sonoro, ela é o objeto vazio passível de ser contornado pela pulsão. Sua materialidade é incorpórea, ela participa da instauração do laço entre a mãe e seu bebê ao mesmo tempo em que se constitui como objeto da pulsão na fronteira-espaco de ilusão- entre os dois. Ela delimita as bordas que separam o corpo da mãe do corpo do bebê e funda, a um só tempo, sujeito e Outro. A voz faz litoral. (Catão, 2009, p. 224).

Vivès (2008) aponta para as peculiaridades do circuito pulsional invocante a partir do circuito da pulsão escópica. Em um primeiro momento, o primeiro grito, em que o sujeito ainda não existe e, portanto, mítico, é acolhido pelo próximo, que retorna interpretando o grito e impelindo o sujeito à linguagem. Para Vivès, a resposta do Outro, após ter “bem ouvido” o *infans*, é que valida o sujeito a advir. Interessante atentar para a peculiaridade do bem ouvido, que propõe não apenas um ouvir, mas um bem ouvir. Essa proposição encontra acolhida na perspectiva do próximo enquanto ativo e implicado não só na relação de cuidado, mas também enquanto assegurado dessa passagem. Assim, para a passagem do grito puro para grito para, é imprescindível que o próximo se apresente, bem ouvindo e retroalimentando o circuito invocante.

Mattos e David (2017) ressalta o papel do próximo em “envolver o bebê pela continuidade de suas vogais, chamando-o para a linguagem, tal qual fazem as sereias em seu canto, mas também efetuar uma ruptura neste laço, pelo corte das consoantes, sem o qual seu canto seria mortífero” (p. 6). O corte é a escansão das vogais provocada pelas consoantes, que propõe o rompimento de uma relação de alienação e vai em direção à palavra. Nesse processo apontado pela autora, identifica-se a importância do bem ouvir, que desencadeia a resposta que convoca o *infans* aos limites-bordas da linguagem. Nesse contexto, percebe-se a ambivalência do próximo, ora se colocando em posição de alienação com o *infans* ora se apresentando

enquanto separação. A posição e alienação seria percebida em momentos de acalantar, em que se utilizam múrmuros e vocalizações com poucas escansões. A separação seria apresentada enquanto, mesmo sem saber que será ouvido, o próximo conversa com o *infans* utilizando a estrutura da linguagem. Nessa passagem, podemos identificar o manhês enquanto uma passagem, em que se misturam elementos mais contínuos mas também palavras e escansões.

O circuito pulsional invocante tem como elemento fundamental, e como peculiaridade em relação ao circuito escópico, a posição ativa do outro (Outro) em seu trajeto. Dessa forma, o ‘bem ouvido’, apontado por Vivès, torna-se elemento essencial para o desencadeamento do processo de invocação. Caso o *infans* apenas acolhesse a voz arcaica, não teria condições de responder ao seu chamado, “sendo tomado por essa voz da qual não pode se livrar (Porge, 2014, p. 20). Na díade mãe bebê, Porge (2014) aponta que:

A mãe interpreta o grito como uma fala suposta ao *infans* situado por ela, desde seu nascimento, na posição de sujeito suposto falante. Ela acusa a recepção desse grito e supõe que ele quer dizer alguma coisa, isto é, que ele apresenta o sujeito ao mundo. Reconhece-se aqui, a definição de significante: o que representa um sujeito para outro significante. O grito do *infans* não o representa para a mãe, caso em que estaríamos no registro do signo. Em vez disso, ele representa o sujeito para o conjunto dos significantes a advir. A resposta do Outro, a recepção que reserva ao puro grito, transformando-o em grito “para”, leva a significação do sujeito à luz do significante do Outro. (p. 21).

Vivès (2009) complementa que, ao grito, o Outro responde convocando o *infans* a advir como sujeito (torna-te!). A partir desse momento é possível a significação e o estabelecimento da voz como objeto, que pode circular. O sujeito, agora invocante, pode avançar em seu processo de subjetivação e dar sequência no percurso desejante (retorna). Nesse movimento, identifica-se a proposição de Catão (2009), em que a voz *contorna* o objeto *a*. Esse momento é percebido quando o próximo faz uma pergunta ao *infans* e realiza uma pausa, como se aguardasse uma resposta e mesmo sabendo que ainda não virá. Esse silêncio se apresenta justamente enquanto o espaço deixado para que o *infans* se apresente enquanto sujeito. Assim, identifica-se que os processos de invocação são compostos por enunciações, mas também por silêncios, contudo, silêncios invocantes.

Para Vivès (2018), a voz teria dupla função para a subjetivação do *infans*: como vetor de linguagem, em sua dimensão imaginário-simbólica, apresentada por seu próximo; e como objeto de gozo em sua dimensão Real. O autor também coloca o processo de passagem de objeto real para objeto simbólico a partir da mudança de estatuto do Outro próximo. Catão (2009) coloca que o bebê, inicialmente, se faz objeto de gozo do outro (neste momento Outro para o bebê) para só depois (em um segundo tempo) advir como sujeito. Porge (2014) coloca

que a escansão da emissão da voz exerce função de corte. Para o autor, “a escansão da fala cria a voz como objeto *a*, como saída de um orifício e como alguma coisa que se corta” (p.51). A voz seria a passagem do significante, como “resto não redutível ao significante, mas essencial à sua articulação com o que lhe sustenta a passagem” (p.48). Dessa forma, a voz assume uma posição particular em função do significante, mas sem se reduzir a ele.

Se o desejo do sujeito se funda como desejo do Outro, esse desejo como tal se manifesta no âmbito da voz. A voz é não apenas o objeto causal, mas também o instrumento em que se manifesta o desejo do Outro. Esse termo é perfeitamente coerente e constitui, se posso dizê-lo, o ponto culminante em relação aos dois sentidos da demanda: feita ao Outro e vinda do Outro. (Vivès, 2018, p. 19).

Quando o próximo acolhe o grito do *infans* e o interpreta, “o véu da fala se deposita sobre a voz e o véu do sonoro se assenta sobre a afonia da voz como objeto *a*” (Vivès, 2018, p. 20). Para o autor, a voz é o primeiro objeto perdido, como o que cai na formação do significante. A voz ficaria, assim, velada por trás do que ela significa para o Outro. A partir da ideia de que o desejo se funda a partir do desejo do Outro, podemos identificar a proximidade da voz em relação ao desejo, já que está no entre o sujeito e o Outro, bem como entre a oralidade e a auricularidade. Assim, a voz como objeto *a*, e a pulsão invocante como a “mais próxima da experiência do inconsciente” (Lacan, 1964/1998, p. 102) se justifica. Para Azevedo e Nicolau (2017), a voz do Outro se apresenta não só como objeto causa do desejo, mas também como vetor do desejo do Outro enquanto causa quando *isso fala*. Nesse ponto também se identifica a posição ativa do próximo (Outro) no circuito pulsional invocante.

Esse meio e o discurso dos cuidadores porta a instância da lei, visto que os adultos já se fazem constituídos pela falta. Dessa forma, essas figuras primordiais assumem função de porta-voz, antecipando um discurso social, apresentando as leis e exigências deste. Esse discurso, atravessado pelo desejo e pela lei, constitui o campo preliminar para o acesso do sujeito ao Outro. Dessa forma, poderíamos considerar que tanto a escansão quanto o silêncio antecipam a descontinuidade, em detrimento da continuidade de onde vem o *infans*, que se apresenta enquanto protótipos da falta.

4 Tempos e silêncios de um improvisar em *duo*

“O improvisador, músico que se lembra, fala a música tal como os outros falam sua língua materna”. (Lacas, Boeswillwald & Feron, 1992, p. 1031 em Vivès, 2018)

Vivès, em *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante* (2018), ao abordar a improvisação materna, apresenta duas concepções sobre o improviso a partir da etimologia da palavra improvisar. Uma das acepções identificadas pelo autor para a palavra é algo que chega de maneira imprevista, como algo feito sem preparação ou rigor. Para o autor, improviso tem como objetivo um fazer com o imprevisto, circundando o que se apresenta de modo não previsto. Assim, o improviso carrega consigo elementos de repetição e retomada. Assim, na relação entre próximo e *infans*, este que cuida, ao se colocar na posição de bem ouvir o grito puro, que, enquanto imprevisto, ainda não se apresentaria em uma cadeia significativa ou teria um significado esperado, busca um fazer com o que ouviu, tendo como saída um improviso, no qual significa a partir de seu repertório as enunciações enigmáticas que toma como endereçadas a si. Dessa maneira, o improviso proposto pelo próximo assume como ancoragem as bordas, características e leis da linguagem, carregando também, mesmo enquanto manhês, os ritmos e escansões que o constituíram enquanto sujeito. Dessa forma, partindo dessa perspectiva, o improviso tem caráter de repetição, mesmo que em uma apresentação inédita. Utilizando a perspectiva do improviso musical, em que se utilizam notas já conhecidas em ordem inédita, seguindo o ritmo e a harmonia da música, na função improvisante, há a submissão do próximo às leis da linguagem, o que o enlaça ao simbólico.

O improviso, então, deixa de ter caráter de imprevisto e assume características de “construção articulada, apoiada em elementos *memorizados*” (Vivès, 2018, p. 32). A partir da enunciação do *infans*, o próximo que supõe improvisa a sua resposta, baseado em seu repertório, mas imprimindo seu estilo. Assim, a improvisação entraria em uma dimensão de um fazer com essa transmissão. A partir da rememoração do próximo sobre sua própria sua própria constituição, associado a sua posição-função de assegurar ao *infans* também essa passagem, fica impressa, a partir do estilo, a marca da sua subjetividade, que atravessa, e, ao mesmo tempo, possibilita uma enunciação original, que singulariza o sujeito.

No processo de interpretação e resposta às enunciações enigmáticas do *infans*, o próximo utiliza-se de elementos improvisantes, buscando aproximar o grito à palavra. A resposta dessa relação (próximo-*infans*) não decorre do imprevisto, mas sim da relação que se refere não só à linguagem, mas carrega consigo as suas regras. Essa ambiência materna (Vivès, 2018) permite as condições para a improvisação e “reinvenção com” e, para o *infans*, do dom da fala. Vivès (2018) aponta que “trata-se não da transmissão de um saber, da rememoração de um *corpus* aprendido, e sim da comemoração desse instante fora do tempo no qual a mãe terá sido chamada a advir” (p. 33). A utilização do termo comemoração é pertinente à medida que os elementos alçados pelo próximo para o improviso são compostos, também, pelo momento

em que ele mesmo esteve enquanto *infans*, logo mítico. Assim, para além de uma lembrança, nesse momento, há um atravessamento lógico, que desloca o próximo até esse momento.

Vivès (2018, p.34), ao trazer elementos dessa *ambiência materna*, aponta que a posição do próximo fará a transmissão, por meio da improvisação, do que recebeu em seu processo constitutivo. O autor, então, propõe uma “sonata materna” indicando que o próximo “preludia e improvisa levando em conta os ‘solos’ da criança”, introduzindo a lei que conduz o *infans* à fala. A vocalização materna seria a isca, em que o *infans* morde o anzol e é aferrolhado à linguagem. O autor, então, aponta que a sonata materna, formada por esse *duo* entre o próximo e o *infans*, é evidenciada também em outros trabalhos citados pelo autor, que apontam o *infans* respondendo de maneira musical à melodia da voz do próximo. Pode-se inferir, a partir dessa metáfora, que o *manhês* apresentaria enquanto ambiente para que o *infans* e o anzol se conectem. Vivès identifica que o *infans*, mesmo que não compreenda as palavras, parece entrar em ressonância com a voz do próximo.

Em estudos apontados por Vivès (2018), em que a mãe e a criança foram colocadas em salas separadas, interagindo por meio de sistema de som e vídeo, ao ser produzido um atraso de um segundo na transmissão identificou-se desconforto no *infans* e mal-estar na mãe. Essa observação corrobora a hipótese da importância do ritmo e da ressonância entre o próximo e o *infans*. Assim, para além do som, percebe-se que outros elementos também compõem a relação. Da mesma forma, entende-se que a pulsão invocante é mais que a voz, sendo também formada por elementos táteis e escópicos e, assim, essencialmente relacionais. O funcionamento em *duo*, apresentado por Vivès, baseia-se na perspectiva musical, em que se implicam duas subjetividades. No âmbito da constituição do sujeito, o *duo* e a função improvisante conduzem o *infans* para a passagem da díade para o terceiro. Essa passagem se dá pelo fato de que o próximo, nessa relação, vai apresentando elementos que compõem o laço social. Trevarthen e Gratier (2019) também estudaram, em diversos contextos culturais, a interação entre a mãe e o bebê. Os autores identificaram que, durante a interação, mãe e bebê afinam constantemente as suas expressões vocais. Stern (1992) apontou para a “necessária afinação afetiva” entre o próximo e o *infans*. A partir da interação e da relação da díade se produzirá uma ‘melodia’ característica. Essa dimensão melódica se apresenta no *manhês* (Laznik, 2004). Jerusalinsky (2017b) ressalta a importância do *duo*, apontando que “esses jogos de litoral, fundamentais para a constituição, não tem como ocorrer sem a presença de um outro encarnado que está atravessado em sua própria economia de gozo pelo que se passa com o bebê” (p. 45). Esses estudos e proposições reafirmam o caráter multissensorial da pulsão invocante, em que a

presença do próximo e do *infans* se apresentam como imprescindíveis para os processos de invocação e, conseqüentemente, constituição do sujeito.

Essas percepções corroboram a importância do *duo*, identificando posição também ativa por parte do *infans* na produção da vocalização. As respostas do *infans* estimulam o próximo a manter a convocação por meio não só da voz, mas também como presença. Laznik (2011) também refere a posição do próximo que fala espontaneamente para o *infans* e também toma o seu lugar, atribuindo-lhe um discurso. A autora refere a importância desse ato, apontando que, se um próximo ecoa as vocalizações do *infans*, mas não fala por ele, podem ocorrer dificuldades no acesso à linguagem.

Vivès (2018), apoiado em Laznik (2005), aponta que a vocalização não é suficiente para a convocação do *infans*. Para os autores, a vocalização deve ser acompanhada por uma posição de suposição (suposição de que há(verá) sujeito). O *infans* se constrói a partir do improviso materno, que, por sua vez, é produzido a partir dos significantes deste próximo. O saber fazer com *lalangue* (Lacan, 71-72/1997) apresentado pela improvisação materna vai criando marcas musicantes no vir-a-ser sujeito. Nesse contexto, ocorre a aposta (suposição) de que o *infans* vai incorporar os significantes, podendo ‘criar na música do mundo’ (Mattos e David, 2017, p. 162). Enquanto elemento estrutural, a improvisação se apresenta como sonata materna enquanto relação do *infans* com *lalangue*. Esse momento é construído como um *duo* entre o *infans* e a função improvisante enlaçados pela voz encarnada. A queda da voz e da relação em *duo* ocorre pela inserção da instância terceira, apresentando a palavra, que abre o campo para a metáfora. Dessa forma, as enunciações que se apresentavam no registro do signo, passam a ter caráter significante.

Dessa forma, entende-se o improvisar como um fazer com o imprevisto a partir do repertório do próximo, em associação com o desejo em relação ao *infans*.

Improvisar é saber fazer com o que não se sabe usando o que se sabe. É usar a voz que se pode escutar dizendo sobre a voz que não se pode ouvir. Improvisar é se articular, é se virar com o perder, sem se deixar perder. (Mattos e David, 2017, p. 163)

Para as autoras, os sons passam de substância gozoza para se transformarem em significantes, mantendo um algo mais que permanece na condição de real. Os sons improvisados estariam fazendo semblante ao objeto perdido. Essa conjuntura apresenta o Outro em falta, condição para a castração e para a constituição do sujeito. Essa proposição corrobora a perspectiva da comemoração, apresentada por Vivès, em que o próximo se desloca para o momento em que o som ainda não estava no registro simbólico.

O adulto que se apropria dos cuidados do *infans*, quando assume função improvisante, se coloca no lugar de criação. O processo de suposição do cuidador em relação ao *infans* passa a oferecer, gradualmente, a possibilidade de que o *infans* também assuma a posição de improvisador. Esse próximo, que se autoriza a interpretar as manifestações do *infans*, estabelece um campo invocante para que advenha como sujeito. Vivès (2018), então, aponta para a díade prazer-surpresa. Essa díade permite manter a dimensão de abertura na interpretação, apontando para a sustentação da violência interpretativa. Por outro lado, para Vivès, a interpretação em sentido único ou a ausência de interpretação leva o bebê, pouco a pouco, a desinvestir a ambiência. Assim, identifica-se que a função improvisante sustenta a ambiência materna, ao mesmo tempo em que possibilita sua passagem.

5 O bem ouvir da função improvisante

Vivès (2018), atenta para três tempos da improvisação materna. O primeiro tempo seria este da suposição, discutido anteriormente, ou seja, o próximo supõe um sujeito em vias de constituir-se. As vocalizações não têm como objetivo obter uma resposta, mas sim a criação de um campo invocante que convida o sujeito a advir. Esse primeiro tempo seria constitutivo do bem ouvido. Mais que a atenção às enunciações do *infans*, o próximo estaria na função de acolher o grito e convidá-lo ao ingresso no simbólico. Dessa forma, o bem ouvir torna-se fundamental para o processo de invocação. O segundo tempo seria composto pelo *duo*. Este momento seria ilustrado pelo manhês (Catão, 2009), em que se constitui uma linguagem, entonação, comunicação particular entre o cuidador e o *infans*.

O terceiro tempo seria como o “fazer-se ouvir” do circuito pulsional invocante, em que o próximo proporciona a passagem do manhês para um endereçar mais próximo do simbólico, substituindo, gradualmente, as variações melódicas pelas escansões. Vivès (2018) coloca que esses três tempos não ocorrem em sucessão, sincronicamente ou cronologicamente, mas sim em concerto, em diacronia ou logicamente. Em relação aos silêncios que se alternam aos tempos da improvisação, o autor pondera que nos primeiros tempos o silêncio se coloca como esperança (de que uma resposta virá). Posteriormente o silêncio teria caráter de provocar (pro/vocar), como um lugar de enunciação a ser ocupado.

O silêncio é preenchido pela intenção do cuidador em esperar uma resposta, supondo um sujeito que está por vir. Essa sonata materna, ao ser improvisada, aposta nos solos da criança, convidando o *infans* à fala. Catão (2009) aponta que esse “código sonoro pessoal” é composto a partir de uma “sonoridade do meio intrauterino” (p. 157) que faz base para a futura

posição de falante da criança. A autora estabelece uma voz relacional que se constitui como objeto pulsional no litoral entre o próximo e o bebê. Para Vivès (2018), a “resposta ao grito é improvisada” (p. 28). O autor também pontua que o músico, ao improvisar, comemora o momento em que a fala era musicada em manhês, aproximando o improviso musical do improviso proposto. Para o autor, ao transpor essa comemoração para o campo musical, e, já com um outro (Outro) endereçamento, o músico não estaria criando, mas sim apresentando “um agenciamento inédito de vocábulos sonoros previamente conhecidos” (p. 32).

6 A voz máquina e suas posições entre o próximo e o *infans*

“Será que a voz maquinal, vale dizer, aparelhada e separada do corpo, tem as mesmas propriedades relacionais que a voz proferida in vivo? ” (Vivès, 2018, p 43).

A massificação dos celulares inteligentes, da internet de alta velocidade e dos serviços de transmissão instantânea provocaram mudanças nas relações pessoais e nas formas de relacionamento com o som e com a imagem. As relações mediadas por dispositivos eletrônicos se estabelecem através do que poderia ser considerado como um anteparo maquínico. A presença do dispositivo eletrônico como elemento relacional, com telas de alta definição e *autofalantes*, pode oferecer variações psicanalíticas a partir de sua presença em contextos estruturantes da constituição psíquica do *infans*. Aliado a isso, ocorre a migração das relações sociais para ambientes de realidade virtual. Esses ambientes são oferecidos por plataformas de rede social e portais de transmissão de conteúdo audiovisual e proporcionam formas de relação necessariamente atravessadas por dispositivos eletrônicos conectados.

A utilização do neologismo *autofalante* tem como objetivo apontar a influência da voz emitida pelo dispositivo. A partir do alto falante, que tem, em sua etimologia a ideia de amplificação do som, o *autofalante* traz a perspectiva de uma voz enquanto reprodução-repetição. Dessa forma, o *autofalante*, vindo das peculiaridades dos dispositivos conectados e relacionais, deixa de ser um amplificador de som, passando a oferecer outra relação com a comunicação.

Porge (2014) aponta para o trajeto da pulsão invocante ocorrendo em laço. Utiliza o oito interior e a Garrafa de Klein para apresentar o estádio do eco. Para o autor, o espaço criado pela Garrafa de Klein possibilita a produção de um eco entre o emissor e o receptor. Entre a oralidade e auricularidade, a voz é transmitida e ecoada, criando dimensões de presença e de transmissão. Ao mesmo tempo, a falta também se faz presente, visto que a escuta do emissor

difere da escuta do ouvinte pelo espaço de transmissão existente. Essa ‘perda’ enquanto diferença entre emissão e recepção seria o Real da voz.

Como espelho-olhar-autofalante-voz, o dispositivo também propõe uma relação de convocação ao *infans*. Contudo, as propriedades relacionais dos dispositivos *autofalantes* amplificam dimensões escópicas e auditivas, enquanto suprimem as materialidades-espaços que também compõem o campo invocante, ecoante e constitutivo do sujeito.

Dessa forma, a diferença na transmissão da emissão, que passa por uma captação-compressão-formatação-transmissão-reprodução, difere da emissão feita sem o anteparo maquínico. Assim, a voz máquina sempre será uma reprodução. Além disso, a passagem pelo fio (aqui também representando as transmissões maquínicas sem-fio, ou seja, enquanto possibilidades de transmissão *online*) comprime o espaço que compõe a escuta do ouvinte. A boca vai ao microfone (e não até o ouvido/ outra boca), o ouvido vai ao fone (e não à boca/outro ouvido) e o olho vai à tela (e não ao Outro olho).

Buscando uma definição, a voz máquina, então, seria essa produzida por um *autofalante* vindo de um dispositivo eletrônico conectado. As relações a partir de *autofalantes* estabeleceriam um anteparo para o trajeto da voz pelo espaço. A captação da voz e sua passagem pelo dispositivo altera a sua propagação pelo espaço (Outro) e, da mesma forma, em seu trajeto entre próximo e *infans*. A relação invocante constitutiva da continuidade imaginária *infans*-próximo, a partir da presença do dispositivo, passa a ser atravessada (refletida e ecoada) também pela voz máquina, podendo se posicionar como terceiro. Esse outro (Outro) que apresenta ao *infans* a incompletude do próximo apresenta as características do que vai se constituir como a Lei. Lacan (1957-58/1998) estabelece o Nome-do-Pai como “o significante que, no Outro como lugar do significante, é o significante do Outro como lugar da lei” (p.590). Assim, o atravessamento de uma instância maquínica presente na constituição eu e do outro causará, conseqüentemente, na estrutura do sujeito.

A partir do imperativo “vem!”, a voz máquina vela a dimensão invocante-improvisante, em que o próximo convocaria o *infans* (“advém!”). Como a voz do canto siderante da sereia (Laznik, 2005), a voz máquina propõe uma relação de repetição e continuidade. Diferente da perspectiva de Vivès em que o sujeito é escutado pela música (do Outro), na voz máquina o sujeito convocado à continuidade com a voz identificada. O sujeito torna-se sujeito da repetição, descaracterizando-se de sua posição suposto falante/suposto ouvinte, visto que só se escuta, e repete, sem voz própria.

7 Posições-funções da máquina como atravessamento da relação próximo-*infans*

A partir da implicação oferecida pela relação mediada-acompanhada-atravesada pelo dispositivo eletrônico, consideram-se as possíveis posições assumidas pela voz máquina. A partir da díade próximo-*infans*, e, considerando o ingresso de um outro que vai constituir uma primeira triangulação relacional, identificam-se possíveis posições para o anteparo maquínico.

O dispositivo eletrônico pode se apresentar como segundo do *infans*, atravessando a relação imaginária entre o *infans* e o próximo. Considerando a posição inicial de Freud em relação ao *Nebenmensch*, em que o próximo garante, também as necessidades da vida do *infans*, identifica-se essa posição como impossível atualmente, e, assim, hipotética, visto que ainda não existem máquinas que possam dar conta do cuidado integral de uma criança. Contudo, essa posição aparece retratada no filme “*I’am mother*” (2019) em que um humano é constituído por uma máquina desde sua gestação. Nessa produção, o sujeito constituído pela relação com a máquina é surpreendido por um outro não máquina, obturando uma falta da constituição do Outro (até então maquínico). Dessa relação, Jerusalinsky (2017a) complementa acerca dessa posição, apontando que

Se a mãe é a da tela é porque se considera que estar de corpo presente seria absolutamente dispensável, quando bem sabemos que, para que a linguagem produza seus primordiais efeitos de inscrição, é decisivo que venha nomear o que afeta o corpo (Jerusalinsky, 2017a, p. 25).

Por outro lado, o que se apresenta atualmente é uma relação em que há possibilidade de haver mais tempo de interação do *infans* com a máquina do que com outro próximo. A máquina assume função imaginária do próximo e, a partir de suas características, passa a oferecer a relação de continuidade.

Jerusalinsky (2017a) apresenta caso em que o desenho de um paciente em que

O corpo de um menino nu com um cordão umbilical em cuja ponta havia um plug conectado à tomada, pela qual estava levando um choque que o fazia bruscamente desconectar-se. Seu desenho certamente dizia algo dele, mas não de forma isolada e individual, e sim ‘conectada’ ao social (p. 31).

O caso reflete a importante implicação da relação maquínica na constituição do sujeito. Outra possibilidade de atravessamento do dispositivo é como segundo do próximo, propondo o corte na relação imaginária e construindo a triangulação, em função terceira para o *infans*. O dispositivo, nesta posição, comparece como instância que desloca o próximo em direção a um terceiro, mostrando ao *infans* que a relação com o próximo não é total ou de continuidade. A falta que se apresenta na forma de deslocamento do olhar, do ouvir e do enunciar a um outro (protótipo do Outro para o *infans*) é para uma máquina. Nesse sentido, Jerusalinsky (2017a)

aponta novas configurações familiares, em que o próximo se encontra mais isolado de relações familiares, buscando informações na internet para dar conta das incertezas que permeiam o cuidado do *infans*. A autora complementa ressaltando o atravessamento maquínico na relação próximo-*infans*:

É preciso um tempo de tramitação para que, a partir da vivência compartilhada do bebe com a mãe, possa se produzir um laço permeado por um saber fazer que valha singularmente nessa relação. Isso se vê frequentemente atropelado quando o Dr. Google passa a funcionar como o oráculo digital, como um grande Outro onisciente e onipotente diante do qual o sujeito contemporâneo, de bom grado, amansa seus enigmas e se silencia de modo obediente onde poderia inventar. (p. 27)

Além disso, Edmon de Haro ilustra essa triangulação em sua obra “*The Dangers of Distracted Parenting*”²⁰.

A terceira posição proposta, é a máquina como *gadget*, acessório facilitador, do próximo. Nesta posição é o próximo que se coloca como anteparo à relação do *infans* com a máquina, ao mesmo tempo que preserva o *infans* de sua própria relação com o dispositivo. Assim, a máquina se apresenta no contexto relacional entre o próximo e o *infans*, contudo, desinvestida de posição relacional e invocante. A significação dessa relação pelo próximo preserva as dimensões invocantes da voz, pois a mantém em em circuito invocante com o *infans*.

As recentes funções de comando de voz proporcionaram assistentes virtuais que tem capacidade de captar enunciações e de responder ao seu interlocutor. Assim, identificam-se avanços, mostrando que a máquina já ouve e já tem condições de interpretar e de responder à indagações vocais. Contudo, sua resposta não é improvisada, tampouco improvisa a partir do silêncio do interlocutor ou de outras enunciações corporais. Nesse contexto, em relação ao *infans*, a máquina seria incapaz de supor que há(verá) sujeito, pois parte do significado e não do significante, muito menos do signo, operando a partir do registro simbólico.

A partir de uma metáfora musical, o laço social pode ser considerado como um concerto de vozes do mundo composto de arranjos formados por notas que se harmonizam (não sem tensões) e nas quais o sujeito busca sua voz para se fazer compor. A influência da voz máquina propõe o laço social como desarmônico (pois só aceita uma determinada escala, enquanto enunciação, e insensível à variações), impelindo o sujeito a enunciar ecolalicamente a escala proposta, suprimindo a subjetividade e a diferença. Resta ao próximo assumir função

²⁰ Disponível em <https://edmondeharo.com/>

improvisante, se posicionando entre o *infans* e a máquina, emulando a voz máquina e reinsserindo a voz em seu circuito pulsional.

8 Considerações Finais

A presença do próximo (*Nebenmensch*) é estruturante para o *infans*. Para além das necessidades da vida (*Not des lebens*), esse que cuida também é fundamental para o processo de constituição subjetiva do sujeito. Em relação à voz e à pulsão invocante, é esse próximo que terá função de bem ouvir e de improvisar sobre as enunciações do *infans*. A partir dessa relação, o silêncio como convocação, a aposta de que há(verá) sujeito, o próximo, em *duo*, ecoa e improvisa, chamando o *infans* a enunciar com sua voz no concerto do mundo.

A partir da massificação das relações *online*, identifica-se a voz máquina e o dispositivo como presentes na cena do *infans* com seu próximo. Nesse contexto, as pesquisas disparadoras do artigo já identificaram prejuízos no ambiente invocante, quando a relação é atravessada pelo anteparo da máquina. Assim, foram propostas variações psicanalíticas a partir de posições do dispositivo na relação entre o próximo e o *infans*. A partir do ambiente proposto pelo próximo, percebe-se que a forma como este se relaciona e apresenta a máquina ao *infans* fará com que esta assuma posição de anteparo, função ou acessório na relação, entre outras.

Em relação à função improvisante, identifica-se a importância da preservação do circuito invocante na constituição do sujeito. Ao assumir a função, o próximo escande a voz máquina e convoca o sujeito ao circuito invocante. Como emulador da transmissão maquinaica, o próximo fará função de captar e retransmitir a voz, devolvendo seu trajeto em laço, entre a boca e o ouvido, entre o sujeito, o outro e o Outro.

Considerando que a relação virtual, a realidade virtual e a rede social estão, e estarão cada vez mais presentes na constituição do sujeito, a forma como o próximo apresenta e interage com a máquina será determinante para a forma como o *infans* vai se constituir. Assim, o próximo, a fim de preservar a função improvisante, precisa assumir o protagonismo da relação do *infans* com a máquina, criando um campo de interpretação-improvisação entre a máquina e o *infans*. Sem a improvisação, o *infans* corre o risco de repetir, ecolalicamente o campo de repetição proposto pelos *autofalantes* da máquina.

Referências

Aulagnier, P. (1975). O espaço no qual o eu pode constituir-se. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

- Azevedo, Marcela Maria de Paiva, & Nicolau, Roseane Freitas. (2017). Autismo: um modo de apresentação do sujeito na estrutura de linguagem. *Estilos da Clínica*, 22(1), 12-28. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p12-28>
- Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage.
- Eurico, R. S. (2018). *Do manhês à voz* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30054/1/Do%20manh%C3%AAs%20%C3%A0%20voz%20-%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20%28vers%C3%A3o%20biblioteca%20UFMG%29.pdf>
- Ferrari, A. G., & Piccinini, C. A. (2010). Função materna e mito familiar: evidências a partir de um estudo de caso. *Ágora*, 13(2), pp. 243-257. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982010000200007>
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 1, pp.335-454). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original escrita em 1895).
- Freud, S. (2019). *O Infamiliar / Das Unheimliche* Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho originalmente publicado em 1919).
- Green, M. L. (Roteiro) & Spatore, G. (Diretor) (2019). *I Am Mother* [Netflix]. Australia: Southern Light Films.
- Jerusalinsky, J. (2017a). “Que rede nos sustenta no balanço da web? –O sujeito na era das relações virtuais”. In *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017b). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In *Intoxicações Eletrônicas: O sujeito na era das relações digitais* (pp. 39-55). Salvador: Ágalma.

- Klautau, P. e Faissol, K. (2016). Do Nebenmensch ao Unheimlich: a presença da alteridade no processo de constituição da subjetividade. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 11(21), pp. 66-76. Recuperado de http://www.isepol.com/asephallus/numero_21/pdf/6-Do_Nebenmensch_ao_unheimlich.pdf
- Lacan, J. (1997). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1959-1960)
- Lacan, J. (1997). *O Seminário livro 19, 2ª parte: O saber do psicanalista (1971-1972)*. Publicação não comercial exclusiva para membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, Recife: [s.n.].
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (originalmente publicado em 1964)
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 807-842). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacas, P-P., Boeswillwald, A-P. & Féron, A. (1992). Improvisation musicale, *Encyclopedie Universalis*, Tome 11. Disponível em www.universalis.fr/encyclopedie/improvisation-musicale/
- Laznik, M-C. (1994). Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional: quando a alienação faz falta. In M. C. Laznik-Penot (org.). *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas*. Salvador, BA: Ágalma, pp.31-48.
- Laznik, M-C. (2000). A voz como primeiro objeto da pulsão oral. *Estilos da Clínica*, 5(8), 80-93. Recuperado em 30 de setembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000100008&lng=pt&tlng=pt.

- Laznik, M.-C. (2004). *A voz da sereia. O autismo e os impasses da constituição do sujeito*. Salvador, Ágalma.
- Laznik, M.-C. (2011). *Rumo à fala: três crianças autistas em psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Marino, A. S. (2018). *A psicanálise frente aos impasses nas políticas públicas: entre bem-estar e mal-estar social* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-29012019-183801/pt-br.php>
- Mattos, R., & David, M. (2017). Da improvisação nasce o sujeito: Notas sobre transmissão e incorporação da linguagem. *Affectio Societatis*, 14, 152-164.
- Passone, E. F. K. (2016). De A-Criança ao real infantil: reflexões psicanalíticas acerca da infância. *Estilos da Clínica*, 21(1), 114-132. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p114-132>
- Pierotti, Mariana Moreira de Souza, Levy, Lidia, & Zornig, Silvia Abu-Jamra. (2010). O manhês: costurando laços. *Estilos da Clínica*, 15(2), 420-433. Recuperado em 30 de setembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000200009&lng=pt&tlng=pt.
- Porge, E. (2014). *Voz do eco* (Tradução de Viviane Veras). Campinas, SP: Mercado de Letras
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Trevarthen, C. e Gratier, M. (2019). Voz e musicalidade: natureza, emoção e cultura. In: C. Trevarthen, K. J. Aitken e M. Gratier. *O bebê: nosso professor*. 1. Ed. (pp. 82-94). São Paulo: Instituto Langage.
- Vivès, J.-M. (2009). Para introduzir a questão da pulsão invocante, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, (12(2), 329=341. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142009000200007>
- Vivès, J.-M. (2018) *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante* (Tradução de Vera Avellar Ribeiro). Corpo Freudiano. Rio de Janeiro.

A voz da indústria - Ian Ramil

Martelo você

Pra você se perder

Eu quero te ver me ouvindo sem pensar em nada

Eu pelo você de um jeito que você vai se gostar

Neném

Quando a madrugada vem

É duro, é foda, eu sei

A massa aperta o play

E eu sempre enfio um

Tchu tcha tcha

Tchu tchu tcha

Você vem dizer

Que escolhe o que ouvir

Bobinho você que acha que a escolha existe (é livre)

Esmago você de um jeito que você nem vai notar

Neném

Quando a madrugada vem

É duro, é foda, eu sei

A massa aperta o play

Eu sempre enfio

Quando a madrugada vem

É duro, é foda, eu sei

Sou eu que invento o play

A massa engole

Sou eu que invento o play

E eu sempre enfio

Eu sempre enfio

Eu sempre enfio

(Indústria templo vazio

Ralo pensamento donos de Deus

Império de homem só

Danada. Danada

Teu barco ta furado tem água no convés)

Martelo você martelo você

Martelo você martelo você martelo você

Artigo 3

Prove que você não é um robô: notações psicanalíticas sobre a pulsão invocante e a voz máquina ²¹

Raul Oliveira Jung

Milena da Rosa Silva

Resumo: A partir da leitura do circuito pulsional invocante, propõem-se posições e variações psicanalíticas da presença de dispositivos eletrônicos nas relações primordiais de cuidado. A partir da premissa alicerçada no esquema R (Lacan, 1966) se articulam posições-funções do atravessamento maquínico enquanto voz máquina. A voz máquina comparece como composição nos tempos do circuito pulsional, provocando variações do esquema original. Além disso, é apresentada a perspectiva da constituição de um *ecossier* no lugar de um *falasser*, a partir dos processos de invocação e convocação do *infans*.

Palavras chave: pulsão invocante, voz máquina, circuito pulsional, psicanálise, infância.

Considerações iniciais

A inserção acelerada dos dispositivos eletrônicos conectados à internet, como *tablets* e *smartphones*, assim como a ampliação do acesso à internet móvel de alta velocidade, transformou os meios de comunicação em massa, oferecendo variações nas formas de relacionamento interpessoal. Este artigo tem como objetivo tecer reflexões sobre os atravessamentos que a passagem boca-microfone-fio-alto-falante-ouvido pode produzir na voz e em suas propriedades relacionais.

Julieta Jerusalinsky (2017, pp.14-16) aponta para uma exposição “a uma velocidade voraz” e a um “bombardeio sensorial” proposto pela interação com dispositivos eletrônicos conectados à internet. A autora identifica uma carência de tempo para elaborar as percepções advindas dos dispositivos. Ainda, atenta para uma descontinuidade que implica outros modos de estabelecimento do laço social, bem como “nas formas discursivas de sustentar subjetivamente” essas experiências.

Em trabalho anterior (Jung & Silva, no prelo) discutimos alguns atravessamentos colocados pelos dispositivos eletrônicos de comunicação nos cuidados do *infans*, e propusemos uma reflexão sobre a voz máquina. O termo voz máquina surge de uma referência musical, que são os álbuns concomitantes da banda Nômade Orquestra, chamados Vox Populi Vol.1 e Vox

21 O conteúdo dessa seção será encaminhado, na íntegra, para publicação.

Machina Vol.2²². A voz máquina, então, seria esta produzida por um *autofalante*. O *autofalante* trata-se de um neologismo criado para sugerir a torção do termo “alto falante” para o “autofalante”, efeito da voz máquina no sujeito. No lugar de um amplificador de som/voz humana, há uma outra voz, descolada do sujeito e sendo emitida a partir de um dispositivo eletrônico. Buscando uma delimitação para essa forma de comunicação, seria voz máquina o estímulo *online*, por dentro do fio, emitida por um dispositivo eletrônico conectado e posicionado enquanto elemento relacional. Ou seja, formas de interação que sejam transmitidas através de um dispositivo eletrônico conectado. O trajeto de captação da voz por um microfone, sua transmissão e sua reprodução por outro dispositivo são atravessamentos do que se busca articular e definir como voz máquina.

No mesmo trabalho (Jung & Silva, no prelo), como distinta da voz máquina, a ‘vox populi’, a qual seria essencialmente relacional, sendo produzida no encontro da singularidade do sujeito com o outro (Outro) de forma *extima*. A “Vox Populi” teria como protótipo a nota azul²³ (Didier-Weill, 1997). A ‘vox populi’ singulariza o sujeito, ao mesmo tempo que o harmoniza na relação com o Outro. Nessa perspectiva, o laço social pode ser formulado como um concerto de vozes, composto de arranjos formados por notas/vozes que se harmonizam (não sem tensões e dissonâncias) e, nas quais, o sujeito busca sua nota azul para compor e, ao mesmo tempo, singularizar-se. A partir destas proposições, se colocam algumas perguntas: a voz que vem do *autofalante* permitiria a experiência da nota azul? Ou aceitaria apenas as notas da escala musical que está emitindo? Haveria abertura de espaço para outras notas?

Sobre esse anteparo maquínico, Jerusalinsky (2017) aponta que:

Os aparelhos emitem sequências sonoras, mas não conversam, não produzem matriz dialógica em que os lugares sejam subjetivados, elas oferecem fragmentariamente uma linguagem, mas não sustentam sua função. Emitir sequências sonoras é bem diferente do que dar lugar a que o sujeito possa se representar na linguagem, subvertendo, por meio dos chistes ou atos falhos, sua significação. (Jerusalinsky, 2017a, p.41)

Não obstante, propomos pensar sobre a possibilidade de um rearranjo de vozes no qual se inclua a voz máquina e, a partir de suas repetições e continuidades, circuitos e curtos-circuitos, notar silêncios/furos que permitam advir o sujeito em suas relações com o próximo e com o outro. Assim, questionamos de que forma os efeitos da música, como as propriedades

²² Disponíveis em: <https://nomadeorquestra.com.br/>

²³ O autor utiliza o termo da música em articulação com a teoria psicanalítica. Para Didier-Weill, a nota azul, se refere à singularidade vocal do sujeito. A nota azul em música é a alteração de uma das notas da escala musical. Quando tocada em relação com suas notas próximas, cria efeito *extimo*, pois não faz parte da escala, mas soa como se fizesse. O efeito poderia ser comparado ao *unheimlich*, estranhamente familiar. Ao utilizar a nota azul como protótipo da *vox populi*, pretende-se criar o contraponto da voz máquina, que seria insensível a essa variação vocal.

do som, poderiam contornar o anteparo maquínico e fazer emergir a voz que reata o sujeito e o outro em seu circuito invocante e convoca o sujeito em sua falta.

A partir de um percurso teórico por referências que trabalham o tema da voz e da pulsão invocante, o artigo aprofunda a discussão sobre a caracterização da voz máquina enquanto atravessamento da relação entre o *infans* e o próximo, iniciada em trabalho anterior (Jung & Silva, no prelo). Ainda, como um exercício de reflexão teórica, parte do esquema R proposto por Lacan (1966) para propor possibilidades de posições e funções da máquina neste esquema.

O objeto Voz e sua composição maquínica

“Se falamos tanto, se fazemos nossos colóquios, se conversamos, se cantamos, se escutamos os cantores, se fazemos música e se a escutamos (...), é para fazer calar o que merece ser chamado de a voz como objeto a” (Miller 2013/1988) em (Vivès, 2009, p.334)

A massificação dos *smartphones*, a internet de alta velocidade e os serviços de *streaming* provocaram mudanças nas relações pessoais e nas formas de relacionamento com a voz e com a imagem. O ponto surdo, referido por Vivès (2018), bem como o ponto cego proposto por Lacan (1949), teriam seus espaços-campos de transmissão de ecos-reflexão reduzidos.

As relações mediadas por dispositivos se estabelecem através de um anteparo maquínico. Os transmissores, representados pelos dispositivos eletrônicos, bem como os autofalantes, podem sugerir reatualizações em proposições psicanalíticas construídas em um período em que esses atravessamentos ainda não se faziam presentes.

Podemos afirmar que a introdução, cada vez mais precoce, das telas na experiência de vida do filhote humano traz um elemento estranho, mecânico, automático, em seu funcionamento, imutável ou mutável a seu bel-prazer, apresentando o risco de privá-lo disto que ele mais necessita: a relação com um outro humano significativo, que vai lhe propiciar a vivência da diferença e da falta. (Bernardino, 2017, p.157).

As relações a partir de autofalantes estabeleceriam um anteparo para o trajeto da voz pelo espaço. A compressão da voz e sua passagem pelo dispositivo impediria que a voz se propagasse pelo espaço (Outro) e para que retornasse para o sujeito, influenciando a dimensão interior/exterior. Dessa forma, a voz (e a imagem), ao passar pela máquina, teriam características de reflexo/eco do próprio sujeito, sendo inassimilável/surda ao Outro.

Podemos considerar que a voz máquina apresenta elementos de intolerância à diferença, busca pela repetição a partir do processo de identificação-sideração. A voz máquina, se apresenta como efeito da massificação dos dispositivos e da internet sem fio utilizada de forma intensa. Estaria o *falasser*, falta-a-ser, sendo substituído por um *ecosser*? O termo é apresentado como um neologismo criado como derivação do termo *falasser*. O *ecosser* seria o

sujeito da repetição maquínica, a partir da relação ecológica que o dispositivo propõe – ao invés da fala do outro, enunciações que remetem à repetições dos estímulos propostas pelos dispositivos falantes.

Como efeito das relações atravessadas pelos dispositivos, Leda Mariza Fischer Bernardino aponta sobre o circuito pulsional que:

A relação com as telas deixa o corpo de fora, tanto o corpo do bebê, da criança, quanto o corpo dos outros humanos. Sabemos que é central a articulação corpo/linguagem e o papel do circuito pulsional que a funda, num contexto em que o corpo, ao ser erogenizado, vai sendo representado psicologicamente e adentra o campo do desejo do Outro, para surgir como sujeito de um desejo próprio. Com as telas, nada de montagem de circuito pulsional! (Bernardino, 2017 p. 159)

Em relação ao circuito pulsional, Jerusalinsky (2017) aponta que o atravessamento maquínico propõe a montagem do “campo pulsional de modo restrito e achatado sob a sideração do espetáculo, apenas ‘ligados’ (conectados?) ao festival sensorial que o mundo das coisas oferece” (p. 47). E sobre as qualidades constitutivas da voz, Jerusalinsky aponta sobre a indiferença dos dispositivos para as nuances e diferenças que são fundamentais nas trocas sonoras implicadas no processo de constituição do sujeito:

Diferenças de tom, acento, intensidade, ritmo, velocidade, pausa, ordem, letra ou palavra que, para o código eletrônico, são totalmente indiferentes sejam qual for o eventual espectador ou o ocasional operador. Aparentemente, trata-se de detalhes insignificantes, mas é a partir dessas pequenas diferenças que nasce o sujeito. (Jerusalinsky, 2017, p. 62)

Refletindo sobre a intoxicação digital infantil, Dunker (2017, p.120) aponta para características da vida digital, como aumento da velocidade da demanda, superficialidade do contato interpessoal, mas com redução da ‘espessura imaginária da vida de fantasia’. O autor, ainda, reforça a importância da presença do Outro, como uma condição para o estabelecimento do laço social. Para Williges e Souza (2017, p.107), a partir da ‘máquina de imagens’ houve a instauração da “repetição técnica ou maquinal da percepção”. Jerusalinsky (2017, p.30) avança apontando que a pregnância da imagem (e o conseqüente excesso de imaginário), “na falta da palavra, inibe a articulação simbólica que daria lugar [...] à produção de um saber singular”.

Para Jerusalinsky (2017, p.31) o excesso sensorial proposto pelo dispositivo, que prepondera determinados sentidos, “mortifica, na medida em que esses bombardeios perceptivos não são articulados a uma cadeia significativa desde a qual possam ser experimentados como prazer ou desprazer de um sujeito não ultrapassado pelo vivido e, sim, capaz de dizer de uma experiência”.

Dessa forma, percebe-se que as máquinas interativas e conectadas já se presentificam no laço social, produzindo efeitos estruturais e relacionais. A presença dos dispositivos eletrônicos durante a constituição psíquica do sujeito a partir do esquema R (Lacan, 1966) é

colocada enquanto ensaio para o atravessamento do anteparo maquínico sobre as figuras primordiais de cuidado. Dessa forma, as variações do esquema propostas a seguir também sugerem reflexões acerca das implicações desse anteparo na construção do esquema.

Circuitos e curtos circuitos da composição maquínica

Isto significa que o sujeito integra a contradição que há em S(f). qual seja: há (S) e não há (f). Segundo o duplo processo sim / não ao mesmo tempo. Trata-se de um sim e um não que não são separados. É porque há um sim e não que esse não não é a forclusão. Com efeito, uma das maneiras de definir, na minha opinião, o que é a forclusão, é de que se trata de um não absoluto que não se faz acompanhar de nenhum sim. (Didier-Weill, 1998, p 23).

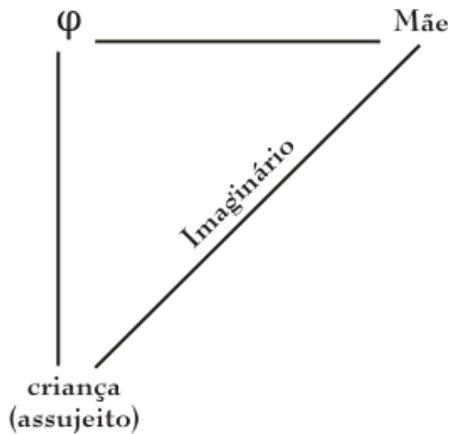
As produções acerca do circuito pulsional, especificamente no que tange ao trajeto da pulsão invocante, se constroem a partir da relação do *infans* com o seu próximo, *Nebenmensch* (Freud, 1895/1996). A partir de uma relação simbiótica, se apresenta a intervenção de um terceiro, que comparece para descolar a díade e possibilitar condições para que o sujeito advenha com sua própria voz.

A perspectiva do anteparo máquina na relação entre *infans*, próximo e outro propõe variações em relação ao circuito pulsional estabelecido. Assim, a máquina poderia compor as diferentes posições na relação, produzindo diferentes atravessamentos. A partir dos três tempos do circuito pulsional, propõe-se o atravessamento maquínico em distintas posições e buscamos notar suas possíveis variações.

Inicialmente, apresentamos a relação sem o atravessamento maquínico, que seria a premissa para as variações seguintes. A premissa é proposta a partir das leituras do circuito pulsional e das posições de próximo (função materna) e pequeno outro (função paterna). São propostos lugares e relações ao longo dos tempos do circuito, que tem como resultado a constituição do sujeito e sua relação com o Outro.

O primeiro momento é de continuidade imaginária entre o *infans* e o próximo, em que o pequeno outro está alheio da relação. É o primeiro tempo, em que o *infans* é ouvido pelo próximo, que se coloca em uma posição de completude, excluindo o terceiro da relação. Esse momento é considerado mítico, em que o sujeito seria o sujeito de gozo. Esse momento seria rememorado em um só depois, com a validação do Outro, que bem ouviu o *infans*. A partir da lógica do circuito pulsional, propõe-se um primeiro tempo constituído como uma relação imaginária entre *Infans* e próximo.

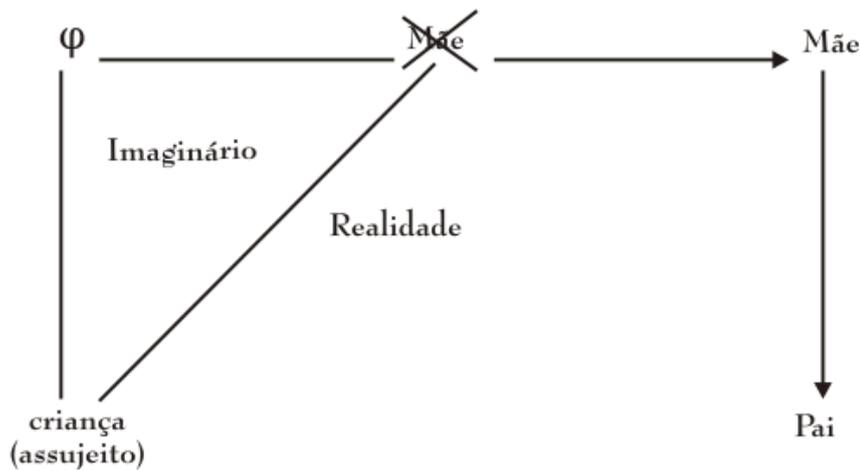
Outra forma de identificar a relação do primeiro tempo é a partir da montagem do esquema R (Lacan, 1966). Neste primeiro trio relacional, a criança, ainda *infans*, estabelece uma relação imaginária com a mãe (próximo)²⁴ em que um é o falo do outro.



O segundo momento é aquele em que o outro comparece como anteparo na relação simbiótica entre o *infans* e o próximo. Esse movimento antecipa e abre a possibilidade da existência de um Outro, neste momento, ainda invisível na relação. A inserção do terceiro na relação, apontada como função paterna, inaugura a possibilidade de circulação do falo. Nesse tempo ocorre o aparecimento do Outro, inicialmente como outro. Ao mesmo tempo em que há resposta ao grito do *infans*, a triangulação permite a inserção do Outro. Neste ponto se justifica a necessidade da intervenção ativa do próximo no circuito pulsional invocante.

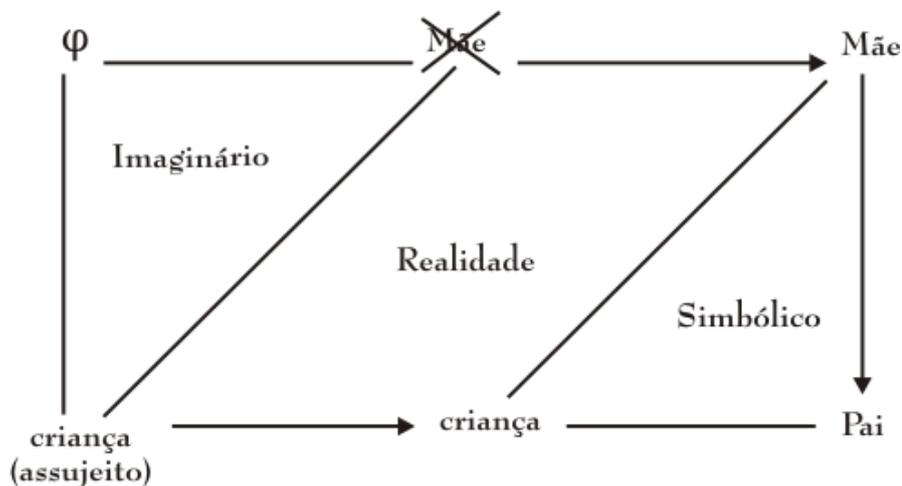
Em relação ao esquema R, temos o segundo momento do aparecimento do pai (primeiro outro). O aparecimento do pai envolve um deslocamento da mãe. O próximo se desloca da relação com o *infans* e permite o acesso do terceiro na relação. Esse deslocamento é indicado pela inserção da "Realidade" na relação imaginária entre o próximo e o *infans*. Essa inserção é demonstrada no esquema pelo deslocamento da mãe da relação imaginária em direção ao pai.

²⁴ O esquema R é apresentado a partir da relação do *infans* com a 'mãe' e o 'pai', contudo, é importante frisar que tratam-se de funções, que podem ser assumidas pelos adultos que se colocam como figuras de cuidado. Assim, o termo 'mãe' é considerado como a figura que exerce a função materna, relação primordial de cuidado. O termo 'pai', da mesma forma, se apresenta enquanto função paterna, como o terceiro que se apresenta na relação primordial entre a mãe/função materna e o *infans*.



Em um terceiro momento, a partir das relações preexistentes entre o próximo e o outro com o Outro, se produz uma relação de sujeição entre o *infans* e o Outro. Nesse contexto, a relação se terceiriza ao mesmo tempo em que se socializa, como passagem do primeiro outro ao Outro. O *infans* se constitui como sujeito de um inconsciente estruturado como linguagem, em que a lei é estabelecida pelo Outro. Nesse tempo ocorre a operação de alienação e separação entre o *infans* e o Outro, constituindo o sujeito do desejo.

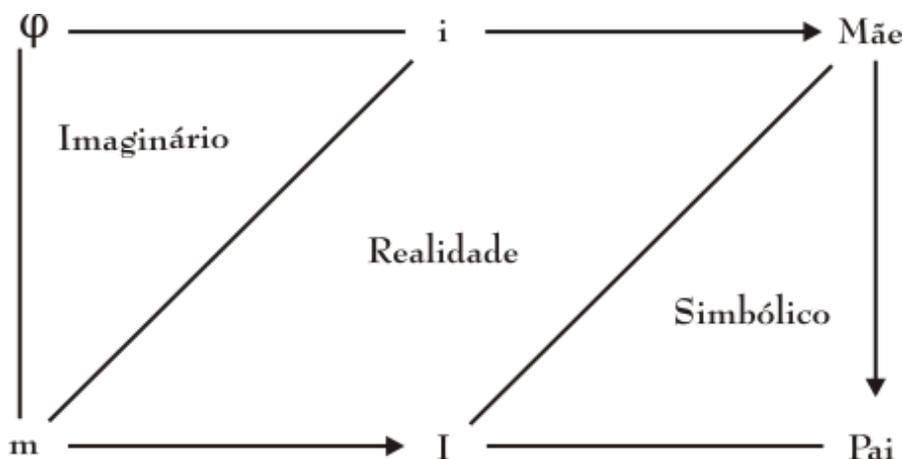
Em relação ao esquema R, percebemos que o ingresso do terceiro na relação faz com que o *infans* seja convocado a se deslocar da relação imaginária, passando pela realidade e ingressando no simbólico. Essa é a condição para a constituição do *falasser*. A realidade e o ingresso de um terceiro produzem as condições para o ingresso do sujeito no plano simbólico por meio do processo de invocação. Com o esquema constituído, se produz a diagonal Pai-falo, que indica o deslizamento do primeiro outro para o Outro. A ligação tridimensional da união das duas extremidades com uma torção produz o tecido moebiano.



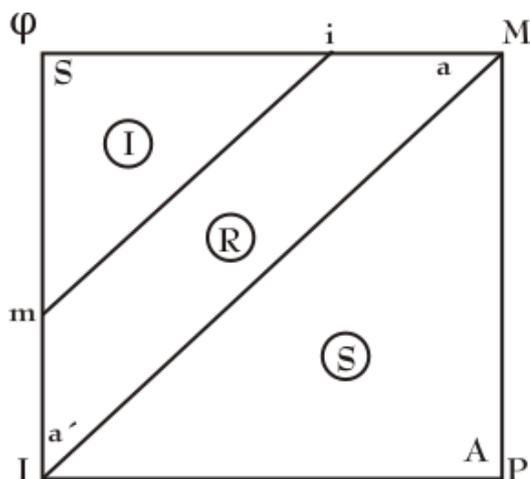
As relações primordiais com o próximo e com o primeiro pequeno outro ficam submetidas à relação com o Outro. Nessa relação se produz o sujeito invocante. O sujeito poderá rememorar (não esqueceu que se tornou surdo) dos tempos constitutivos, mantendo sua estrutura. O *infans*, agora falasser, busca o ouvido do Outro para obter sua resposta e supõe um outro não surdo para invocar. O terceiro tempo já aponta a relação de reflexão-eco. Essa operação pode ser descrita pelo matema \diamond , indicando alienação e separação.

Dessa relação-constituição se identifica o sujeito constituído em uma relação com o Outro, estruturando sua falta a partir das relações com o próximo e com o primeiro outro. Nessa passagem o sujeito do gozo passa a sujeito do desejo, alicerçado na relação com o Outro. Dessa relação o sujeito, quando bem ouvido, é convocado e responde de seu lugar de suposto falante, emitindo sua nota azul em harmonia com o arranjo de vozes do Outro.

Ao final da montagem do esquema R, Lacan (1966) realiza a substituição do *infans* pela letra “m” (*moi*), a mãe da relação imaginária pela letra “i” (eu ideal), o *falasser* é substituído pela letra “I” (ideal de eu).



A partir das substituições se produz a montagem final do esquema em que se inserem os termos “S” (sujeito), “A” (Outro), “a” (outro) e “a” (eu, *je*). O trajeto i-M indica a passagem da relação fusional imaginária com a mãe até a relação castrada pela entrada do pai. A posição imaginária inicial da mãe passa a ser o “eu ideal”. O trajeto m-I indica a passagem da posição inicial do *infans* (alienada na relação imaginária) até a posição de “ideal de eu” em relação especular com o outro (a).



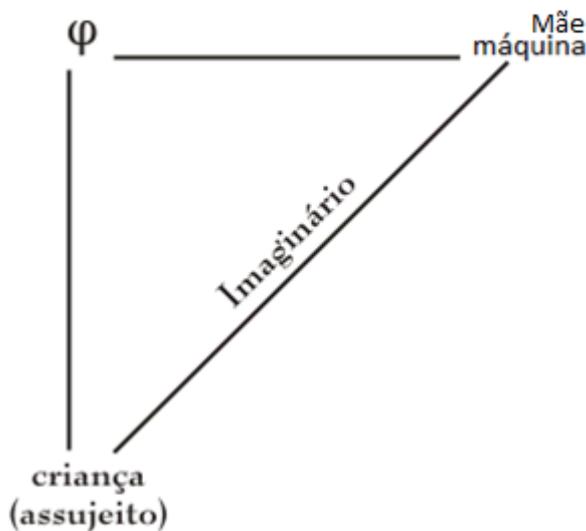
A máquina na posição de próximo (máquina como segundo do *infans*)

Nesta posição-relação com a máquina ela estaria atravessando de maneira maciça na relação primordial imaginária. Considerando que a máquina não teria propriedades invocantes, a resposta oferecida pelo dispositivo seria a do silêncio vazio ou da repetição, da ecolalia. Nesta posição, a inserção da instância terceira estaria prejudicada, visto que a máquina oferece uma relação não de alienação, mas de sideração, em concorrência à figura do próximo. Considerando que existem diversas funções e dimensões em relação ao próximo e ao primeiro outro, optamos por nos restringir ao recorte da dimensão invocante nestas proposições.

O primeiro momento dessa relação teria como proposição a relação: *Infans-máquina*. Nesse contexto, a máquina é colocada como anteparo ao próximo. Assim como o primeiro momento da relação com o próximo, a máquina se coloca na relação de continuidade com o *infans*. Mesmo que o próximo compareça para garantir as necessidades da vida (*not des lebens*)²⁵, a máquina é que é colocada na posição de próximo no sentido da invocação. O próximo humano, ao ouvir o grito puro (Vivès, 2018) do *infans*, não se coloca como receptáculo dessa enunciação, para improvisar e responder seu apelo. Por outro lado, apresenta a máquina enquanto ‘ouvinte’ desse grito, a qual responde com estímulos audiovisuais não ouvintes e, conseqüentemente, não improvisantes. Assim, como momento mítico, o *infans* é sujeito de Gozo, contudo, é colocado a ser ouvido pela máquina.

No esquema R a máquina estabeleceria a relação imaginária com o *infans*.

²⁵ Termo em alemão utilizado por Freud (1895), quando apresenta o termo Nebenmensch.

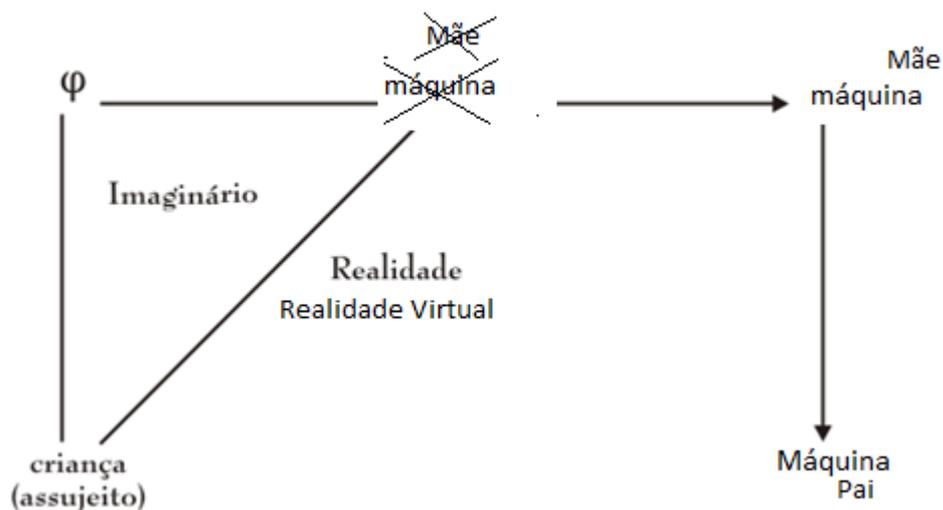


No segundo momento, em que o outro se coloca como corte na relação imaginária do *infans* com a máquina, a possibilidade da existência do outro fica atravessada, pois neste momento só há espaço para a díade +1. A função do próximo seguiria velada pelo anteparo máquina. Aqui surgiria a hipótese da composição de um Outro estruturado em composição com a voz máquina. Nessa proposição, não é um outro (Outro) que aparece, mas o próximo, com função de garantir necessidades da vida e mantendo a máquina no lugar de invocação. A máquina assume o lugar de outro e tem como efeito a produção desse Outro com atravessamentos maquínicos.

Em relação à presença do anteparo maquínico, Jerusalinsky (2017, p.44) questiona quem seria o Outro para esses sujeitos em constituição. Define que aparentemente são os dispositivos que acabam assumindo essa posição. O dispositivo, ao assumir essa posição, faz com que o sujeito fique referido ao aparelho, tornando-se “o Outro da criança, e isso não é sem consequências para a constituição psíquica”. Em relação a isso, Mena (2017) aponta que:

O efeito dessa operação é a produção de um Outro-máquina, que nada deseja do sujeito e que permite, por isso, um certo velamento do desejo do sujeito, para proteger-se da angústia que daí decorre, uma estratégia tipicamente obsessiva. (Mena, 2017, p. 222).

No esquema R teríamos, no lugar da mãe entrar em relação com o pai, teríamos a uma realidade virtual sendo constituída. A máquina convocaria, como terceiro, outra máquina. Dessa forma, o primeiro outro do *infans* também seria em composição maquínica. O deslocamento da máquina para alinhar-se ao Outro por meio do campo da realidade virtual propõe que se estruture a diagonal *falo-Outro(Máquina)*.



O terceiro momento nessa relação acaba por propor um Outro estruturado em arranjo com a voz máquina, mantendo a relação como o outro velada por uma realidade virtual, que, por sua vez, acaba se sobrepondo à realidade. Essa relação impede que o sujeito advenha com sua voz. Torna o *infans* siderado à relação com a máquina. O outro comparece como a dimensão de assegurador das necessidades da vida, ficando à serviço da relação do sujeito com a voz máquina. No lugar do *falasser*, seria constituído o *ecosseser*, proposto como sujeito da repetição e ecolalia. Nesse sentido, Jerusalinsky (2017) afirma que

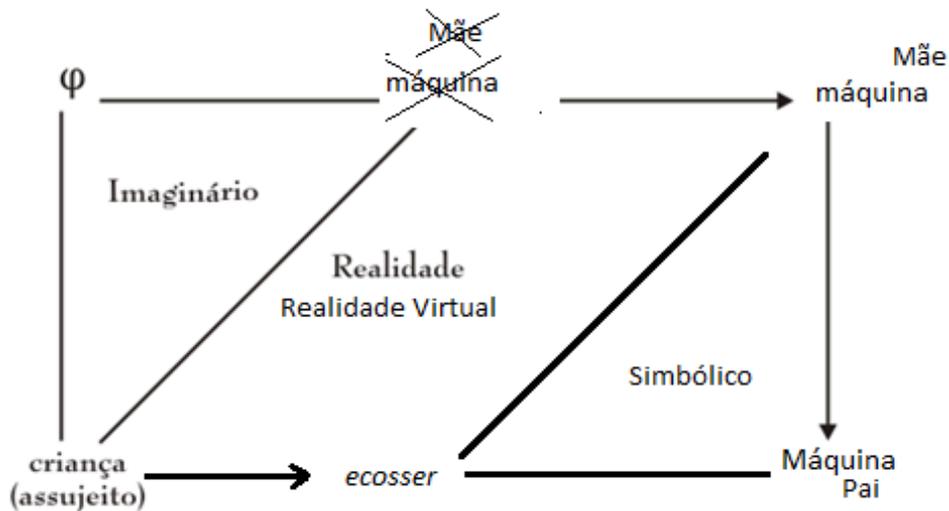
Na medida em que, nesses aplicativos dos jogos virtuais, se reproduz um artifício automático de linguagem, e não uma fala desejante que introduz um enigma, a consequência disso para o sujeito em constituição é engendrar como resposta psíquica a esta questão: - ele só pode querer que eu, como ele, repita feito um autômata. E de fato é essa produção de linguagem que se realiza para muitas crianças: a da ecolalia, a de falar de si em terceira pessoa, a da paralisação de ruídos eletrônicos que reproduzem sem se dar conta e que falam nelas, pela repetição de enunciados em um apagamento do sujeito da enunciação. (Jerusalinsky, 2017, p. 35-36).

Jerusalinsky (2017, p.45) aponta para a importância de um outro encarnado, que tenha condições de implicar “sua própria economia de gozo pelo que se passa com o bebê”. Esse aparelho, constituído como Outro, ao atravessar o circuito pulsional enquanto imaginariamente real retorna como delírio, em uma posição psicótica. Por outro lado, no processo de identificação com o dispositivo constituído em Outro, como realmente imaginário, implica em “petrificar automatismos carentes de laço social” (Jerusalinsky, 2017, p. 58).

Assim como na premissa, o Outro mantém o motor invocante, a voz máquina (composta com o Outro) mantém o motor da repetição. O *infans* recebe o “sim” da máquina e o “sim” do próximo. Seria um “sim” acompanhado de um “sim”. Um sujeito da voz máquina seria

constituído a partir dessa relação. A relação de alienação com o outro e de sideração com a máquina, constituindo um Outro em composição com a voz máquina.

Em relação ao esquema R, teríamos as condições para o deslocamento do *infans* para o simbólico por meio da invocação, contudo, por meio da relação com a máquina.

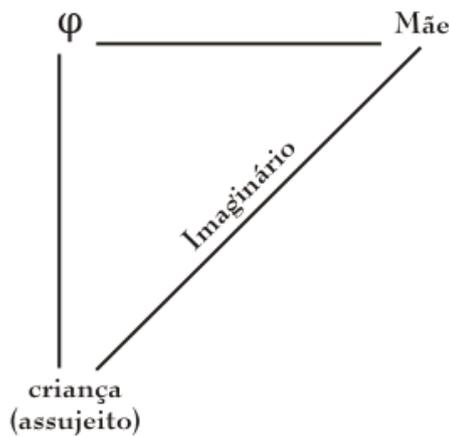


Desse circuito se constituiria um sujeito em relação de sideração com a instância da voz máquina. No primeiro tempo, a máquina seria colocada no lugar de receptáculo das enunciações do *infans*. Contudo, a partir das características da máquina, esta não apresentaria as características interpretantes e improvisantes dos gritos puros do *infans*. Assim, as respostas dadas pelas máquinas colocadas na posição de ouvir o *infans* não apresentariam as condições de acolher e responder ao *infans* no processo de transformar o grito puro em grito para (Vivès, 2018), impossibilitando o bem ouvir proposto pelo autor. Dessa relação se constitui outra relação, que seria a relação composta com a voz máquina.

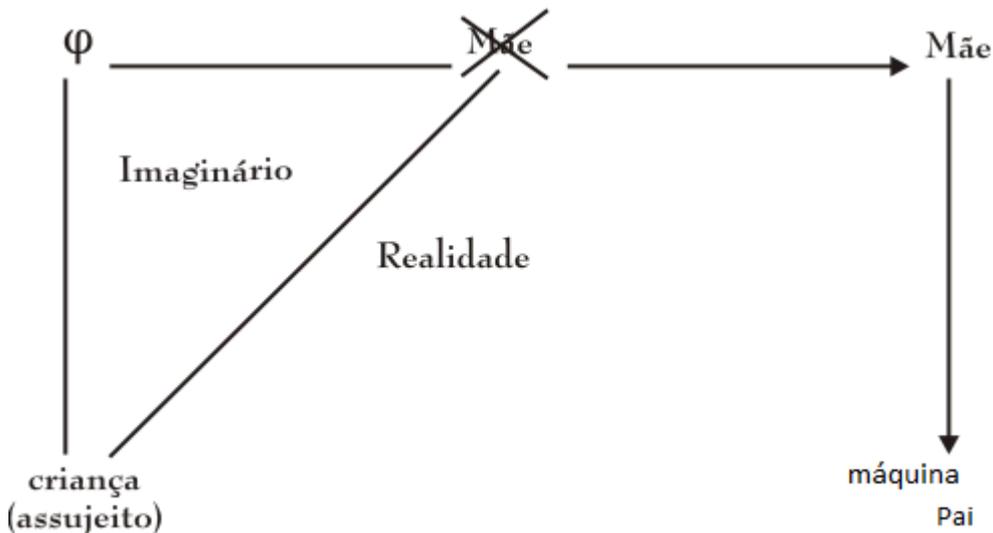
A máquina como terceiro do *infans*

Nesta posição, a máquina opera como outro que comparece na relação do *infans* com o próximo. Nesse primeiro tempo, a relação de continuidade entre o próximo e o *infans* está preservada, pois ainda não há espaço para um terceiro. O primeiro tempo segue como um momento mítico, será constitutivo em um só depois. Nessa relação, o *infans* teria as condições de ser bem ouvido preservadas. Contudo, no lugar do outro como barrado da relação, a máquina é colocada na posição. Essa relação se dá a partir da posição ativa do próximo, convocando a máquina a comparecer como terceiro.

O Esquema R manteria sua estrutura original no primeiro tempo.

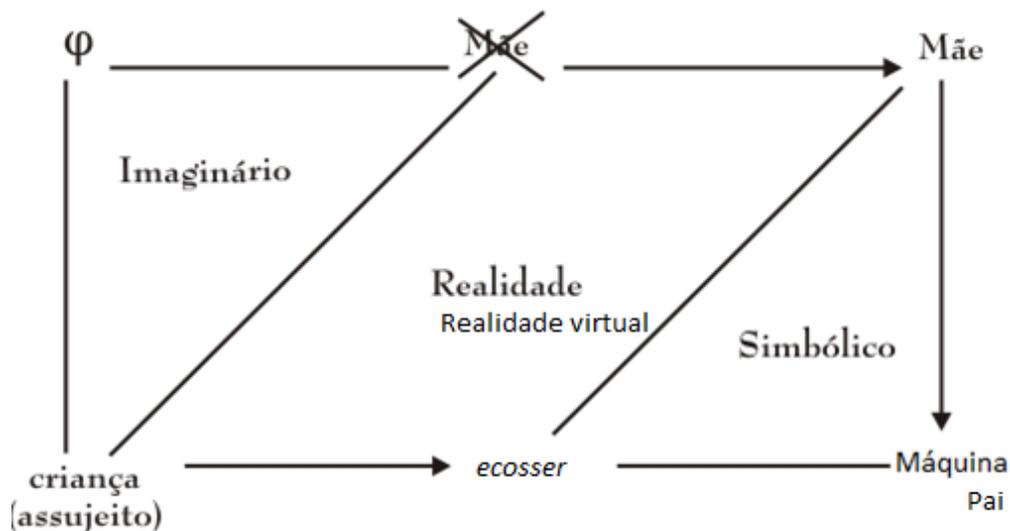


Em um segundo momento, no qual há espaço para o terceiro, a máquina é colocada na posição de primeiro outro entre o *infans* e o próximo. Dessa relação (*infans*-próximo- máquina) o que se estabelece é o atravessamento maquínico em arranjo com o lugar de terceiro, sendo esse o protótipo do Outro. Esse movimento estabeleceria condições para a constituição de um inconsciente estruturado em composição como uma linguagem maquínica. A máquina, convocada pelo próximo enquanto terceiro é quem franqueia ao *infans* o laço social.



No esquema R a máquina apareceria em composição com o lugar do Pai. A mãe nomearia a máquina em lugar pareado ao de função paterna. A operação original inaugura a instância do Nome-do-Pai, mas nessa proposição a máquina é que seria investida no lugar do *falo*. Essa instância simbólica também impele a passagem do *infans* ao simbólico, mas coloca a máquina em oposição ao *falo*.

A máquina acompanhada do terceiro do *infans* enquanto terceiro do próximo se apresenta como primeiro Outro. A relação de sujeição do *infans* à um Outro com características maquínicas implica nas funções de próximo (função materna) e de outro (função paterna). O investimento da máquina no lugar de primeiro outro desemboca em seu deslocamento para o grande Outro. Assim, essa máquina, enquanto um suposto tesouro de significantes (com sua polissemia prejudicada pela literalidade e repetição propostas pela relação maquínica), produz uma sujeição com as características da máquina. Dessa relação, poderíamos propor a constituição do *ecosser*, com dificuldades de estabelecer a metáfora.



A relação se torna binária com o objeto a partir do imperativo “vem!” (em detrimento do Outro que convoca, “advém!”). O circuito pulsional, estruturado a partir de três elementos (eu-Outro-outro), estaria, nesta perspectiva, em curto-circuito (eu-Máquina). O dispositivo assume a posição de outro, como espelho-reflexo-eco do sujeito, mas com uma relação maquínica junto do terceiro encarnado. O *streaming*, transmissão, é o motor para a relação entre o sujeito e a máquina, e o engajamento comparece como um Outro descolado da relação. Dessa proposição também se constitui a relação de alienação ao outro e sideração (e não de separação) com a instância da máquina.

A relação com o Outro é essencial, uma vez que o caminho do desejo passa necessariamente por ele, mas não porque o Outro seja o objeto único, e sim na medida em que o Outro é fiador da linguagem e a submete a toda sua dialética. (Lacan, 1957-58/1999, p. 145).

A máquina como enxerto/terceiro do próximo

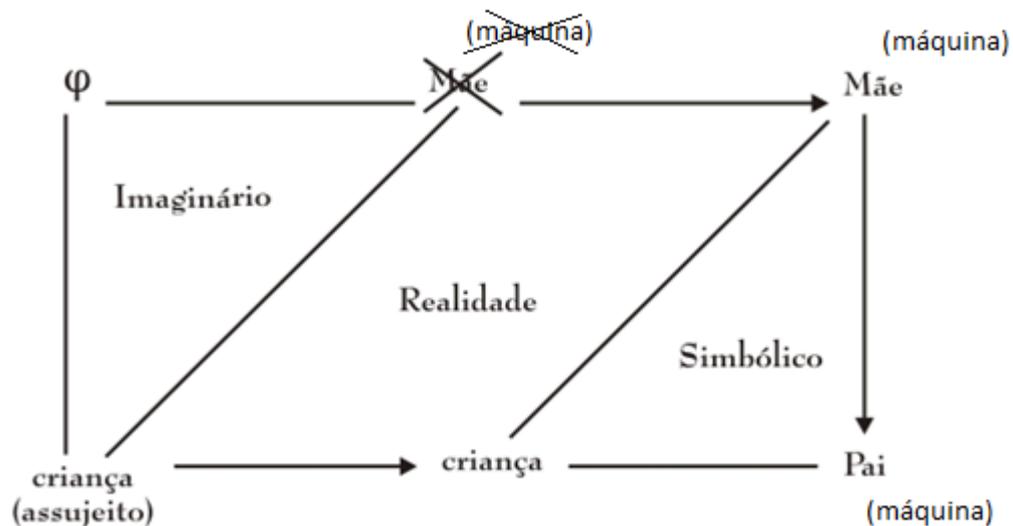
Nesta posição, a relação primordial do *infans* se estabelece com o próximo. O próximo utiliza da máquina como elemento na relação com o *infans*, por exemplo, para tirar fotos, fazer vídeos, apresentar conteúdos, etc. Neste caso, as condições invocantes se preservam no sentido

de que a interpretação da resposta do *infans* ao estímulo é humana. A interpretação/improvisação do próximo está garantida a partir do momento em que este se coloca ativamente na relação com o *infans*. O próximo se sobrepõe (antecipa) ao anteparo máquina, que se posiciona como terceiro do próximo.

No primeiro tempo, a presença do próximo antes da máquina ‘protege’ o *infans* da relação de sideração com a máquina. O outro como terceiro também fica preservado e há espaço para que entre na relação em um segundo momento. A máquina não assume posição no circuito, ela é uma composição com o próximo, podendo também fazer composição com o outro.

No segundo tempo, a posição do outro como anteparo na relação entre o *infans* e o próximo consegue produzir espaço para o Outro. Mesmo o próximo estando atravessado pela máquina, a relação das posições do circuito é preservada, pois o próximo é quem assume função, sendo a máquina acessório das figuras que assumem as posições.

O terceiro tempo da relação produz um *infans* atravessado pela máquina, mas sujeito do Outro. Em relação de alienação e separação com o Outro e sem um processo precoce de sideração com a voz máquina. Essa relação produz o sujeito do inconsciente, pois a relação é de sujeito do Outro e sem um atravessamento tão profundo com a voz máquina. Contudo, o atravessamento da máquina faz com que se produza, mesmo que velada, a existência da de uma suposta grande máquina como repositório de significantes. O que garante a constituição do sujeito é a prevalência do Outro em uma composição secundária e emulada da voz máquina. Nesta perspectiva estariam preservadas as condições para a constituição do *falasser*.



Considerações finais

Esse trabalho buscou realizar uma aproximação entre as posições teóricas do objeto voz e do esquema R e a sua articulação com a perspectiva do anteparo maquínico e da voz máquina. A partir da revisão bibliográfica são propostas composições entre a constituição do sujeito a partir da voz e a voz máquina produzida pelos dispositivos eletrônicos. Entre circuitos e curtos-circuitos, buscamos apresentar as variações produzidas por esse atravessamento na montagem do esquema R.

Ao se deparar com a presença de um dispositivo relacional falante e ouvinte, o sujeito encontra um anteparo ao circuito pulsional invocante, que pressupõe um trajeto entre as bocas e os ouvidos. A partir deste trajeto *online*, a voz altera seu percurso e passa a ter microfones e alto-falantes em seu deslocamento. Nesse novo percurso, a voz passa a ter como alvo um microfone e o ouvido passa a buscar um fone ou um alto falante. Essa passagem teria como consequência a perda de dimensões da voz enquanto pulsão invocante. O sujeito, então, ao se identificar com a voz máquina, passaria a ser convocado a uma relação não metafórica e não polissêmica, comprimindo a potência relacional do objeto voz. Nesse contexto, podemos considerar que há menos espaço para o acolhimento da diferença, emitindo as mesmas notas, e ouvir as mesmas notas, se tornando intolerante a outras escalas musicais, outros arranjos de notas-vozes. Essas seriam as condições para a produção das imagens do *autofalante* e do *ecosseser*, enquanto um sujeito que se aproxima das características propostas pela voz máquina.

Por meio do trajeto teórico, se propuseram diferentes posições para a presença da máquina nos tempos constitutivos do sujeito na montagem do esquema R. Identifica-se que o dispositivo eletrônico pode assumir posições, variando a partir do arranjo, da composição e do tempo em que se insere. Seja na posição de próximo ou de terceiro, a máquina teria como efeito uma relação de sideração precoce na estruturação do sujeito, em um momento em que a relação alienação está em constituição.

Entende-se que enquanto houver função ativa de próximo e de terceiro encarnados em sujeitos, que se antecipam ou participam da interação com a voz máquina, emulando e improvisando a partir das enunciações dos dispositivos, há condições para que o circuito pulsional invocante retorne ao seu trajeto, preservando a estruturação do sujeito em relação à voz. Nesse contexto, as posições primordiais propostas pelo esquema R são preservadas e a presença da máquina se dá em uma composição com o outro. Nessa relação as propriedades relacionais invocantes ficam preservadas e a relação constitutiva se mantém em relação ao outro encarnado.

Entretanto, os avanços na inteligência artificial avançam significativamente, “Siri”, “Alexia” e outros assistentes virtuais são cada vez mais ouvintes e falantes, tendo a capacidade

de interpretar as solicitações vocais dos humanos. Dessa forma, os questionamentos e variações sobre a participação maquínica nos processos constitutivos permanecem como um campo aberto, exigindo reflexão e novos arranjos e composições.

Bernardino (2017) ratifica essas posições colocando que:

Para esse encontro com a falta, é essencial o bebê ter um próximo assegurador realmente humano, ou seja, capaz de falhar, incapaz de oferecer objetos exatamente iguais, em condições perfeitamente imutáveis. Sabemos, por exemplo, como pode ser psicogênico para a constituição psíquica de um bebê internado o fato de estar ligado a uma máquina que garante a reprodução de experiências de satisfação de necessidades exatamente iguais. (Bernardino, 2017, p. 147)

Por fim, Jerusalinsky (2017, p.50) aponta que “não basta a presença real, é preciso que o Outro encarnado possibilite mediar uma metaforização do que afeta o corpo”. Dessa forma, entende-se que o caminho para a constituição psíquica e produção da cadeia significativa a partir da metáfora convoca o outro próximo a mediar a relação do *infans* com a máquina, emulando suas enunciações e esburacando a voz máquina para que advenha o sujeito.

As convocações a uma relação com as máquinas sofreram um aumento significativo a partir da massificação da internet móvel e dos dispositivos eletrônicos conectados. O aplicativo *Whatsapp* recentemente lançou uma ferramenta que permite alterar a velocidade das mensagens de voz. Essa intervenção altera as propriedades da voz, já limitadas pelo trajeto *online*, em que o aparelho emula a enunciação em uma aceleração temporal. A imersão nessa forma de relacionamento social, quando apresentada para bebês e crianças muito pequenas, pode implicar em sua estrutura e constituição.

Referências

- Bernardino, L. M. F. (2017). Da babá ‘catódica’ aos duplos virtuais: os novos ‘outros’ da infância contemporânea. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 146-165). Salvador, BA: Ágalma.
- Dunker, C. I. L. (2017). Intoxicação digital infantil. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 117-145). Salvador, BA: Ágalma.
- Didier-Weill, A. (1997) *Nota Azul: Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Didier-Weill, A. (1998). *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp.335-454). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Jerusalinsky, A. (2017). Homo Web: o fascínio da lógica Eletrônica. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 56-62). Salvador, BA: Ágalma.

- Jerusalinsky, J. (2017a). Que rede nos sustenta no balanço da web? –O sujeito na era das relações virtuais. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 13-38). Salvador, BA: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017b). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 39-55). Salvador, BA: Ágalma.
- Williges F. R., Sousa E. L. A. (2017) A cultura do déficit de atenção. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 89-116). Salvador, BA: Ágalma.
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, Jacques (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Mena, L. (2017). O objeto entre o corpo e a inexistência do Outro. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 211-226). Salvador, BA: Ágalma.
- Vivès, J-M. (2009). A Pulsão Invocante e os Destinos da Voz. *Psicanálise & Barroco em revista* v.7, (pp. 186-202)

Não Deixe o Samba Morrer - Alcione

Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba
De samba pra gente sambar

Quando eu não puder
Pisar mais na avenida
Quando as minhas pernas
Não puderem aguentar
Levar meu corpo
Junto com meu samba
O meu anel de bamba
Entrego a quem mereça usar

Eu vou ficar
No meio do povo espiando
Minha Escola perdendo ou ganhando
Mais um carnaval
Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final

Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final

Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba
De Samba, pra gente sambar

*Encore*²⁶

A intersecção entre a música, a psicanálise e a infância se apresenta como o principal elemento do percurso que tem como momento a pesquisa que produz esta dissertação de mestrado. A partir do método proposto, identifica-se que, para além dos limites cronológicos do mestrado acadêmico, a relação entre o pesquisador e o objeto de estudo se articulam logicamente. Assim, a metodologia foi proposta enquanto um movimento de aproximação e afastamento entre o pesquisador e o objeto de estudo. Nesse contexto, também foram considerados os elementos de uma composição musical, visando o improvisado não tanto como um movimento original, mas como articulação inédita de elementos já conhecidos e notados.

Assim, o encontro entre a música e a psicologia opera enquanto primeiro movimento lógico da pesquisa. O projeto realizado com crianças e adolescentes em acolhimento institucional apresenta o acalanto enquanto dispositivo psicanalítico. Por meio da pulsão invocante, identifica-se a musicalidade como elemento estruturante na constituição psíquica do sujeito. O fim do projeto inicia um movimento de afastamento, que, por outro lado, produz a aproximação do pesquisador com outra área de atuação da psicologia e da psicanálise. Trabalhar com a educação infantil, em momento concomitante à massificação da internet móvel e dos aparelhos celulares inteligentes, proporcionou a primeira percepção lógica desse atravessamento maquínico.

Diante da infinidade de conteúdos presentes em portais de jogos e vídeos, cria-se a percepção de que as máquinas podem ser colocadas no lugar de ouvinte da criança. É perceptível que oferecer uma tela e uma voz maquinal a uma criança cria efeito de sideração e concentração da atenção, mas quais seriam as consequências desse afastamento da figura humana de cuidado? Nesse contexto, o segundo artigo aborda a função exercida pelo próximo nos processos de constituição a partir da voz. A partir da posição ativa desse próximo, associada ao enigma e aos processos de improvisação a partir do imprevisto que são as manifestações do *infans*, entende-se que é este próximo que assegura a passagem do *infans* ao *fallasser*. Assim, propõe-se a voz máquina enquanto elemento limitado em relação à função improvisante, pois, além de perder dimensões do que se coloca como Real da voz, aproxima significante e significado pela sua literalidade não polissêmica. Ao longo do trabalho, foram propostas variações relacionais a partir da forma como o próximo apresenta e compõe a cena com a máquina. Dessas proposições, entende-se que o próximo, a fim de garantir o processo de

²⁶ Segundo o dicionário, trata-se de palavra francesa para indicar canção adicional tocada no final de um concerto.

invocação, precisa se antecipar ou se antepor à máquina, enquanto emulador das enunciações repetitivas desta. A máquina, quando oferecida totalmente enquanto voz, convoca o *infans* em uma posição de repetição e de completude, justamente em um momento em que a falta é estruturante para a constituição do sujeito. Por outro lado, os estímulos propostos pela máquina também podem não causar identificação, sequer convocando o *infans*. A relação, então, levaria características de indiferença e afastamento dessa relação, o que implicaria na estruturação do sujeito em relação ao laço social

Em um movimento final desse percurso, as posições e funções da máquina nas relações primordiais de estruturação psíquica são construídas a partir do esquema R de Lacan. O primeiro e segundo outro da vida do *infans*, encarnados como mãe e pai pelo autor, são colocados em arranjo com a máquina, a fim de conjecturar as possíveis variações do esquema a partir do atravessamento da máquina. Assim, percebe-se que a forma de se preservar a construção do esquema se daria por meio da antecipação ou emulação humana em relação à máquina.

O desenvolvimento de dispositivos eletrônicos aparenta seguir em evolução. O Brasil está prestes a iniciar a oferta da tecnologia 5G, que pretende aumentar ainda mais a velocidade na transmissão de dados móveis. Associado a isso, o *Whatsapp* lançou recentemente um recurso em que é possível ouvir áudios em 1,5x e 2x mais rápido. Assim, percebe-se que o atravessamento maquínico tende a ser cada vez mais presente nas relações sociais. Nesse contexto, entende-se que a psicanálise vem se implicando e avançando nas reflexões acerca da temática. Portanto, a pesquisa, em seu ritmo, pretendeu contribuir com a discussão dos atravessamentos maquínicos nos processos constitutivos associados à pulsão invocante e a voz.

Tristeza - Toquinho e Vinícius de Moraes

Tristeza

Por favor vai embora

A minha alma que chora

Está vendo o meu fim

Fez do meu coração

A sua moradia

Já é demais o meu penar

Quero voltar aquela

Vida de alegria

Quero de novo cantar

la ra rara, la ra rara

la ra rara, rara

Quero de novo cantar

Referências

- Aulagnier, P. (1975). O espaço no qual o eu pode constituir-se. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- Azevedo, Marcela Maria de Paiva, & Nicolau, Roseane Freitas. (2017). Autismo: um modo de apresentação do sujeito na estrutura de linguagem. *Estilos da Clínica*, 22(1), 12-28. Recuperado em 4 de outubro de 2021, de <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p12-28>
- Baptista, A., Jerusalinsky, J. (2017). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Editora Ágalma: Salvador, 2017.
- Bernardino, L. M. F. (2017). Da babá ‘catódica’ aos duplos virtuais: os novos ‘outros’ da infância contemporânea. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 146-165). Salvador, BA: Ágalma.
- Cabassus-Crespin, G. (2007) L`histoire de Bob... ou l`émergence du sujet dans son arrimage au discours de l`Autre. In: JOLY, F.; LAZNIK, M.-C. & TOUATI, B. (dir.). *Langage, voix et parole dans l`autism*. Paris: Presses universitaires de France.
- Caon, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica da pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7(2),145-174.
- Carvalho, G. M. M. de (2012). O ritmo como questão nas manifestações verbais singulares do autista. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4),781-797. Recuperado em 4 de outubro de 2021, de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233025245003>
- Ferreira, I. C. H. (2006). *A voz na constituição do sujeito e na clínica do autismo: O nascimento do outro e suas vicissitudes*. (Tese de Doutorado) Fac. de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra. Coimbra, Portugal. Recuperado em 04 de outubro de 2021, de <http://hdl.handle.net/10316/985>
- Catão, I. (2008). Do som à música, da música à voz: Os passos da fundação do sujeito. In L. M. Atem (org.), *Cuidados no início da vida: clínica, instituição, pesquisa e metapsicologia*. (pp. 155-165). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage.
- Catão, I. A. (2004). A transgeracionalidade do significante. *Revista da Escola Letra Freudiana*, 23(33), 49-54. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Cavani-jorge, A. L. (1988). *O acalanto e o horror*. 1. ed. São Paulo: Escuta, v. 1.
- Didier-Weill, A. (1997) *Nota Azul: Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Didier-Weill, A. (1998). *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Didier-Weill, A. (1999). *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Dunker, C. I. L. (2017). Intoxicação digital infantil. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 117-145). Salvador, BA: Ágalma.
- Elia, Luciano da Fonseca. (2007). O dispositivo psicanalítico ampliado e sua aplicação na clínica institucional pública de saúde mental infanto-juvenil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(3) Recuperado em 04 de outubro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000300018&lng=pt&tlng=pt.
- Emerenciano de Melo, A., Maia Filho, O., & Chaves, H. (2016). Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1), pp. 153-159.
- Eurico, R. S. (2018). *Do manhês à voz* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30054/1/Do%20manh%C3%AAs%20C3%A0%20voz%20-%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20%28vers%C3%A3o%20biblioteca%20UFMG%29.pdf>
- Ferrari, A. G., & Piccinini, C. A. (2010). Função materna e mito familiar: evidências a partir de um estudo de caso. *Ágora*, 13(2), pp. 243-257. doi: Recuperado em 4 de Outubro de 2021, de <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982010000200007>
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp.335-454). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (2004) “Pulsões e destinos da pulsão”. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. I. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996) Inibições, Sintomas e Ansiedade. *Obras Completas*, v. XX, Rio de Janeiro: Imago Ed., (Trabalho original publicado em 1926[1925])
- Freud, S. (1990). Projeto para uma psicologia científica. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp.403-466). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1895[1950]).
- Freud, S. (1996). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 275-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1996). Sobre a psicoterapia. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7, pp. 241-254). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2019). *O Infamiliar / Das Unheimliche* Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919).

- Freud, S.(1990) Projeto para uma psicologia científica. In J. Salomão (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 403-466). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1895)
- Green, M. L. (Roteiro) & Sputore, G. (Diretor) (2019). *I Am Mother* [Netflix]. Australia: Southern Light Films.
- Jerusalinsky, A. (2017). Homo Web: o fascínio da lógica Eletrônica. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 56-62). Salvador, BA: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017a). Que rede nos sustenta no balanço da web? –O sujeito na era das relações virtuais. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 13-38). Salvador, BA: Ágalma.
- Jerusalinsky, J. (2017b). As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 39-55). Salvador, BA: Ágalma.
- Jung, R. O. (2015) A hora de dormir: o acalanto com crianças em acolhimento institucional e seus desdobramentos. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Klautau, P. e Faissol, K. (2016). Do Nebenmensch ao Unheimlich: a presença da alteridade no processo de constituição da subjetividade. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 11(21), pp. 66-76. Recuperado em 4 de Outubro de 2021, de http://www.isepol.com/asephallus/numero_21/pdf/6-Do_Nebenmensch_ao_unheimlich.pdf
- Lacan, J. (1999). O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 440. (Trabalho original publicado em 1957-58)
- Lacan, J. (1997). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1959-1960)
- Lacan, J. (1997). *O Seminário livro 19, 2ª parte: O saber do psicanalista*. Publicação não comercial exclusiva para membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, Recife: [s.n.]. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 807-842). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J.(1985) *O Seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-56)

- Lacan, J.(2007) *O seminário, livro 23: o Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-76)
- Lacan, Jacques (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Lacan, Jacques. (2008). *O seminário, livro 16: de um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-69).
- Lacas, P-P., Boeswillwald, A-P. & Féron, A. (1992). Improvisation musicale, *Encyclopedie Universalis*, Tome 11. Recuperado em 4 de Outubro de 2021, de www.universalis.fr/encyclopedie/improvisation-musicale/
- Laznik, M.-C. (2004). *A voz da sereia*. O autismo e os impasses da constituição do sujeito. Salvador, Ágalma.
- Laznik, M.-C. (2011). *Rumo à fala: três crianças autistas em psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Laznik, M-C. (1994). Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional: quando a alienação faz falta. In M. C. Laznik-Penot (org.). *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas*. Salvador, BA: Ágalma, pp.31-48.
- Laznik, M-C. (2000). A voz como primeiro objeto da pulsão oral. *Estilos da Clínica*, 5(8), 80-93. Recuperado em 30 de setembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Magalhães, T. R. (2013). *A hora de dormir: o acalanto com crianças em acolhimento institucional*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.
- Maiello, S. (1997). L'objet sonore. Hypothèse d'une mémoire auditive prénatale. *Le corps. Journal de psychanalyse de l'enfant*, 20, pp. 40-66.
- Marino, A. S. (2018). *A psicanálise frente aos impasses nas políticas públicas: entre bem-estar e mal-estar social* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 4 de Outubro de 2021, de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-29012019-183801/pt-br.php>
- Mattos, R., & David, M. (2017). Da improvisação nasce o sujeito: Notas sobre transmissão e incorporação da linguagem. *Affectio Societatis*, 14, pp. 152-164.
- Mena, L. (2017). O objeto entre o corpo e a inexistência do Outro. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 211-226). Salvador, BA: Ágalma.
- Passone, E. F. K. (2016). De A-Criança ao real infantil: reflexões psicanalíticas acerca da infância. *Estilos da Clínica*, 21(1), 114-132. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p114-132>

- Pierotti, Mariana Moreira de Souza, Levy, Lidia, & Zornig, Silvia Abu-Jamra. (2010). O manhês: costurando laços. *Estilos da Clínica*, 15(2), pp. 420-433. Recuperado em 30 de setembro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000200009&lng=pt&tlng=pt.
- Porge, E. (2014). *Voz do eco* (Tradução de Viviane Veras). Campinas, SP: Mercado de Letras
- Miller, J. A. (2013). Jaques Lacan e a Voz. In: *Opção Lacaniana online*. Ano 04.n, 11, Julho de 2013 Recuperado em 4 de Outubro de 2021, de http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/voz.pdf. (Trabalho original publicado em 1989)
- Rank, O. (2015). O trauma do nascimento e seu significado para a psicanálise. Bauru/São Paulo.
- Rickes, S. M.; Simoni, A. C. (2008). Do (Des)encontro como método. *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, pp. 97-113
- Rosa, M. D.; Domingues, E.(2010) . O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia e Sociedade* (Impresso), v. 22, pp. 180-188.
- Stahlschmidt, A. P. M. & Cintra, M. (2006). Em Nome da Lei: articulando psicanálise e direito nas ações protetivas de abrigo infante-juvenis. *Direito, Estado e Sociedade*, v. 28, pp. 05-15.
- Stahlschmidt, A. P. M. (2007) Do direito a uma canção de ninar. *Correio da APPOA - Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 163, pp. 27-33
- Stahlschmidt, A. P. M. (2008) Nos prelúdios da vida. *Correio da APPOA - Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 165, pp. 3-11.
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Trevarthen, C. e Gratier, M. (2019). Voz e musicalidade: natureza, emoção e cultura. In: C. Trevarthen, K. J. Aitken e M. Gratier. *O bebê: nosso professor*. 1. Ed. (pp. 82-94). São Paulo: Instituto Langage.
- Vivès, J.-M. (2009). A Pulsão Invocante e os Destinos da Voz. *Psicanálise & Barroco em revista* v.7, (pp. 186-202)
- Vivès, J.-M. (2008) Le silence des Sirènes, une approche kafkaïenne de la voix comme objet a. In *Figures de la Psychanalyse*, 16, Toulouse, Eres, pp.93-102.
- Vivès, J.-M. (2012) A voz na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Vivès, J.-M. (2009). Para introduzir a questão da pulsão invocante, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, (12(2), 329=341. Recuperado em 4 de Outubro de 2021, de <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142009000200007>
- Vivès, J.-M. (2018) *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante* (Tradução de Vera Avellar Ribeiro). Corpo Freudiano. Rio de Janeiro.

Williges F. R., Sousa E. L. A. (2017) A cultura do déficit de atenção. In A. Baptista, A. & J. Jerusalinsky (Orgs.), *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais* (pp. 89-116). Salvador, BA: Ágalma.

Winnicott, D. W. (1978). Desenvolvimento emocional primitivo. Em D. W. Winnicott (Org.), *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (2ª ed. pp. 269-285). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1945)

Winnicott, D. W.(2000). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago (Obra originalmente publicada em 1945)

Winnicott, D. W.(1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago (Obra originalmente publicada em 1971)